

COLETÂNEA TRAÇOS AFRO-INDÍGENAS

ORGANIZAÇÃO:

ANA CAROLINA DA SILVA GONÇALVES
LIANA CRISTINA DE SOUZA SANT'ANNA





© **LIANA CRISTINA DE SOUZA SANT'ANNA, 2026**
© **ANA CAROLINA DA SILVA GONCALVES, 2026**

ORGANIZADORAS E EDITORAS

Liana Cristina de Souza Sant'Anna
Ana Carolina da Silva Gonçalves

CURADORAS

Arminda Maria Freire Amorim
Maria Raimunda Penha Soares
Marlucia Soares dos Santos

IDENTIDADE VISUAL

João Eliel da Silva de Lima

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Jhonatan de Oliveira Cardoso

REVISORA

Stella Almeida

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Andressa dos Santos Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coletânea traços afro-indígenas [livro eletrônico] /
organização Ana Carolina da Silva Gonçalves,
Liana Cristina de Souza Sant' Anna ; [curadoria
Arminda Maria Freire Amorim, Maria Raimunda
Penha Soares, Marlucia Soares dos Santos]. --
Rio das Ostras, RJ : Kuumba Gestão Cultural,
2026. -- (Coletânea Traços Afro-indígenas ; 1).
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-975793-1-0

1. Afro-brasileiros 2. Antologias 3. Indígenas -
Brasil - Literatura infantojuvenil 4. Literatura
brasileira - Coletâneas I. Gonçalves, Ana Carolina
da Silva. II. Anna, Liana Cristina de Souza Sant'.
III. Amorim, Arminda Maria Freire. IV. Soares, Maria
Raimunda Penha. V. Santos, Marlucia Soares dos.
VI. Série.

26-374355.0

CDD-869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologias : Literatura brasileira 869.8

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

EQUIPE DO PROJETO

Coordenação de produção: Liana Ébano

Idealização e produção executiva: Ana Carolina da Silva Gonçalves

Assistente de produção: Andressa Dantas

Social mídia, fotógrafo e filmmaker: João Eliel

Curadoria: Armindha Freire, Rai Soares e Malu Soares

Capa: Jhonatan Cardoso e João Eliel

Diagramação: Jhonatan Cardoso

Revisão: Stella Almeida

Narração do audiobook: Fernanda Coelho & Luiz Kamau

Audiodescritor: Luiz Kamau

Realização:



Patrocínio:



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

SUMÁRIO

Toque nos títulos para navegar pelo ebook.

RAÍZES QUE CAMINHAM	17
PRETA	
RECADOS DE VÓ	21
TATIANE MENDES	
HISTÓRIAS DA MINHA VIDA	23
ELIANE VEIGA	
CONTINUAÇÃO DE UM SONHO	29
ISABELLE FURTADO	
MÃE-SOLO	31
TÊ COSTA	
ELE TEM MÃE	32
SELEZIA	
BARCA APAGADA	33
SELEZIA	
CRIANÇAS QUE ADORMECEM NO FRIO	36
SELEZIA	
FESTA NA FAVELA	38
THAMMY CARVALHO	
DE VOLTA AO TEMPO	40
SÔL	
ABUSADA	41
JISA MARQUES	
PELE	42
JISA MARQUES	
CRACK (O BARULHO DE ALGO TÁ RACHANDO)	44
JISA MARQUES	
RACHADURAS	47
ISABELLA INGRA	
PENSAMENTO CONFLITUOSO	48
TATIANE MENDES	
GUINÉ	49
TATIANE MENDES	
ANTES DO VOO	51
ALEXI	
LABIRINTO	52
SOL DE JUBA	
O LOBO	53
NEGA DA FOLHA	
SEDENTA	55
MÁRCIA ROSA	

EBÓ EM TRÍPTICO	56
ANA CAROLINA S. GONÇALVES	
ITAN DE OXUM – UMA LEITURA SIMBÓLICO-TERAPÊUTICA.....	58
PRETA	
LUA NOVA.....	61
ISABELLA INGRA	
DIÁSPORA	63
LUCIANA CAVALCANTI	
EM PRIMEIRO LUGAR.....	64
ISABELLA INGRA	
ARTE FATO.....	65
TÊ COSTA	
DONA MENINA	66
SÔL	
ECO.....	68
GIOVANNA FLORIM	
ALVORADA	69
GUARANI	
PELE NEGRA	70
SOL DE JUBA	
ALGUÉM MULHER.....	71
GIOVANNA FLORIM	
QUANDO A TERRA ME ENSINA TEU NOME.....	72
NEGRO DA MATA	
TUDO É INSPIRAÇÃO NO LITORAL.....	75
RENATO MENDONÇA (SOBHADILE)	
IMAGEM DO MAR.....	76
JÉSSICA OLIVEIRA	
DONA CECÍLIA ROSA	77
MESTRE DENGÔ	
O BANQUETE DA ALMA: OUNJE OKAN.....	80
OUNJE OKAN	
VIAGEM COMÉRCIO, CIDADE DE LOMÉ, PAÍS TOGO, ÁFRICA OCIDENTAL. DEZEMBRO DE 2025.....	82
THAMMY CARVALHO	
PARATY, UM VOO.....	84
GIOVANNA FLORIM	
AROEIRA MATRIZ DESSA CIDADE	85
TÊ COSTA	
MARES DE MACAÉ.....	86
ALLAN KARDEC	
RIO JUNDIÁ	87
TALITA INAYÊ	

CARDUME DE PEDRA	90
ALEXI	
CABO FRIO É TERRA AFRO-INDÍGENA.....	91
PIERRE DE CRISTO	
SANKOFA	94
NAOMI CAVALCANTI	
A MARÉ QUE ENCONTRA A CONTRACOLONIALIDADE.....	96
THIAGO SANTANA SILVA	
YING YANG – O EQUILÍBRIO ENTRE OPOSTOS	98
JORGE ÉBANO	
RIQUEZA DO BRASIL.....	100
MÁRCIA ROSA	
GRILHÕES DA LIBERDADE.....	105
PRETTO POETA	
O QUE SOBRA DO INDIVÍDUO NO RACISMO?.....	106
ELOÁ RESENDE	
O RIO QUE SOMOS: ADIAR O FIM DO MUNDO ATRAVÉS DA CONFLUÊNCIA.....	107
NEGRO DA MATA	
FAROL	110
ALLAN KARDEC	
ARUANDA ME CHAMA.....	111
MESTRE DENGÔ	
UMA NOITE E MEIA	112
MAURÍCIO RÉGIS	
RAIZES DA MARÉ.....	113
ALEXI	
CURADORIA	114
JÉSSICA OLIVEIRA	
CONHEÇA A EQUIPE.....	116
CONHEÇA OS ARTISTAS DA BAIXADA LITORÂNEA	121

O que é possível fazer com o que você tem, no lugar onde você está, nesse momento?

Essa é uma inquietação que me move a gestar sonhos e a parir ações.

Já faz uns anos que firmo o compromisso de ser comunitária, de ser um sol vivo, como bem dissemina a filósofa Aza Njeri a partir da filosofia bacongo (Congo - Angola), a fim de colaborar para o acendimento de outros sóis vivos para o livre caminhar na vida.

Não é novidade que o mercado editorial é historicamente marcado por desigualdades que colaboram para o epistemicídio, conceito difundido por Sueli Carneiro, que denuncia o apagamento sistemático de saberes originários e afrodescendentes, pavimentado por séculos de colonialismo, racismo estrutural e exclusão social. Mas também não é novo o tensionamento e a oposição a essas forças, garantindo a sobrevivência e a propulsão das nossas criatividades e saberes até hoje.

A Coletânea Traços Afro Indígenas nasce não só como uma resposta concreta a tentativa do apagamento sistemático que ainda sofremos enquanto povos negros e indígenas, mas também como uma possibilidade de respiro.

Respire.

É na pausa para uma respiração, entre um corre e outro, pela necessidade de colocar pra fora, pela cura e pela troca que essa coletânea nasceu. Aqui, o propósito é criar possibilidades, memórias, movimentos de bem viver e colaborar para a (re)potencialização do nosso orí.

De forma coletiva acendemos nossos sóis.

Que sua cabeça, seus olhos e ouvidos permitam ser atravessados pela sensibilidade das obras aqui contidas. Que essa leitura seja um momento de respiro e te inspire a criar.

Te faço um convite: frua com o corpo todo!

ANA CAROLINA DA SILVA GONÇALVES
ORGANIZADORA DA COLETÂNEA

Do meio para o começo!

Bem ali onde tudo começou. É para onde estamos indo.

Quando fui convidada para organizar esta coletânea, eu pensei uma vez! Conclui. É uma oportunidade de ser o meio para os povos, que sou, viverem.

Ao celebrar a pluralidade das identidades dos autores deste livro, não buscamos ovacionar indivíduos e colocá-los no podium da exceção. Contribuímos para visibilidade dos povos que são.

Somos povos! E o meio pelo qual os nossos permanecem, até os novos começos.

Quando abraçamos nossas singularidades e nos afastamos da individualidade, damos um passo para viver a coletividade de forma interciente. É urgente ultrapassar os discursos radicais sobre identitarismo. Isso não permeia nossas vivências. Caminhar organizados pela dor de Ser, sem buscar a cura no Somos, colabora para que os colonizadores permaneçam.

Em Traços Afro-indígenas nós celebramos as identidades plurais, e contradizemos os discursos que tentam aprisionar os povos em caixas organizadoras com etiquetas do que podemos ou não expressar, onde, quando, como, se podemos festejar, produzir, viver...respirar.

Celebre os afro-indígenas através das obras deste livro, navegue pelas marés do litoral e imagine tudo que é possível. Respire...

Não prenda o ar... ouça as mulheres que percorrem longos caminhos, maternam por gerações, se apoiam, alimentam e ensinam. Respire...

Sinta o chão abaixo dos seus pés, começo e meio e começo¹ como nós. Reflita, repense sua relação com a terra, o que você tem para compartilhar? Há equilíbrio nesta relação?

Celebre e pluralidade com que os povos afro-indígenas se expressam, veja você...Nós respiramos!

LIANA ÉBANO
ORGANIZADORA DA COLETÂNEA

¹ Pensamento de Nego Bispo.

COM A PALAVRA, AS CURADORAS

Analisar obras é uma experiência bastante peculiar, sobretudo no tocante a textos com temas tão profundos que conversam com o leitor. É mais do que apenas verificar aspectos técnicos de uma obra. Creio ser, em primeira mão, um mergulho profundo em um relance da alma de alguém, em algo de sua história e suas inquietações, que converge com o que cada leitor e observador entesoura dentro de si. Essa experiência se torna uma conversa entre sorrisos e lágrimas de um artista e os sorrisos e lágrimas de seu público. Estou grata, foi edificante.

- MALU SOARES

Fazer a curadoria de uma obra com escritas tão diversas foi um grande desafio e um enorme prazer. A leitura e observação de cada poesia, conto, história e desenho apresentados foi tornando possível tecer encontros e sentidos a estas múltiplas linguagens que compõem a Coletânea Traços Afro Indígenas e, de alguma forma, escutar os/as sujeitos/as por trás dessas linguagens e descobrir que eles têm muito a nos dizer.

- RAI SOARES

Primeiro foi uma expectativa para a chegada das obras... pensava em textos. Quando chegaram, foi difícil não sair lendo tudo. Pura curiosidade. Como avaliar o coração do poeta!

Fui me ajustando. Tentando me afastar da sensação esquisita de julgar....

Mas passou...

Avaliei as obras do coração do poeta, do fotógrafo, artista visual, com o meu conhecimento, discernimento, mas principalmente com o meu coração.

Fiquei muito satisfeita com o resultado. Não fiquei com dúvidas sobre o avaliar... Sobre o que seria publicado.

Principalmente porque somos três avaliadoras e ainda teríamos o parecer das diretoras...

Esta coletânea vai merecer a sua leitura... com o seu conhecimento, com o seu discernimento, mas, principalmente com seu amor e a sua ancestralidade.

- ARMINDHA FREIRE



– *Conceição Evaristo.*





PULSAR

RAÍZES QUE CAMINHAM

PRETA

A primeira memória que Lúcia guardava não era sua. Era de sua avó. Uma lembrança herdada como quem herda um colar antigo, pesado de histórias. Sua avó dizia que as mulheres pretas não nascem sozinhas. Nascem acompanhadas. Atrás delas vêm vozes, passos, cantos antigos e mãos invisíveis que sustentam quando o mundo tenta empurrar para o chão.

Lúcia cresceu em uma casa onde o café era forte, as risadas eram altas e o silêncio carregava segredos que ninguém ousava nomear. Sua mãe acordava antes do sol. Sua avó já estava de pé antes mesmo do galo imaginar cantar. Havia uma dignidade nos gestos simples: varrer o quintal, trançar cabelos, temperar o feijão com folha de louro e fé.

Quando pequena, Lúcia perguntava por que as mulheres de sua família tinham os olhos tão fundos, como se olhassem sempre para muito longe. A avó sorria e respondia: “É porque enxergamos para trás e para frente ao mesmo tempo.”

Ela não entendia. Até que entendeu.

Entendeu no dia em que sofreu o primeiro preconceito na escola. Voltou para casa com a alma encolhida. Sentou-se na beira da cama e desejou ser invisível. A mãe a chamou para a cozinha e, enquanto mexia a panela, disse apenas: “Filha, o mundo pode tentar diminuir você, mas não esqueça: você carrega um exército.”

Naquela noite, a avó trouxe uma caixa antiga. Dentro, fotos amareladas. Mulheres de semblantes firmes, vestidos simples, mãos calejadas. “Essas são suas raízes”, disse. “Cada uma enfrentou algo que parecia impossível. E nenhuma desistiu.”



Havia bisavós que trabalharam em casas que não eram suas. Tataravós que atravessaram oceanos em silêncio forçado. Mulheres que enterraram filhos e ainda assim continuaram cantando. Não porque não sentiam dor. Mas porque sabiam que parar era permitir que a violência tivesse a última palavra.

Lúcia começou a perceber que sua própria força não era individual. Era coletiva. Quando estudava até tarde, havia mãos ancestrais segurando sua caneta. Quando chorava no travesseiro, havia cantigas invisíveis embalando seu sono.

Na universidade, enfrentou olhares que questionavam sua presença. Em reuniões de trabalho, interrompiam sua fala. Em relacionamentos, pediam que fosse menos intensa, menos forte, menos tudo. Mas como ser menos, se dentro dela habitavam tantas?

Certa vez, durante uma crise, sentiu vontade de fugir. Pensou em abandonar seus sonhos. Foi até o espelho e não reconheceu o próprio rosto. Estava cansada. Exausta de provar valor. Exausta de ser resistência.

Fechou os olhos.
E foi ali que algo mudou.

Não foi um milagre. Foi uma lembrança. Lembrou-se da avó dizendo que mulheres pretas não nascem sozinhas. Sentiu como se uma roda se formasse atrás dela. Não uma roda visível, mas uma presença. Como se cada ancestral estivesse ali, em silêncio, dizendo: “Nós passamos para que você pudesse ficar.”

Respirou fundo.

Percebeu que sua luta não era apenas contra o racismo ou o machismo.

Era contra a tentativa constante de apagar histórias. E decidiu que não permitiria esse apagamento.

Começou a escrever. Primeiro em cadernos escondidos. Depois em textos publicados. Contava histórias de mulheres como sua avó. Falava de dores que não cabiam em estatísticas. De alegrias que sobreviviam apesar de tudo.

Cada palavra era um ato de devolução. Devolver ao mundo aquilo que tentaram tirar.

Lúcia entendeu que ancestralidade não é prisão ao passado. É combustível. É saber que a estrada foi aberta com lágrimas e suor. É honrar sem se limitar. É carregar sem se curvar.

Num domingo, reuniu as mulheres da família no quintal. Trançaram cabelos umas das outras. Cozinharam juntas. Riram alto. Em certo momento, Lúcia pediu silêncio. Olhou para cada rosto — jovem, maduro, enrugado — e disse:

“Eu sou porque vocês foram.”

A avó chorou. A mãe apertou sua mão.

Naquele instante, Lúcia percebeu que a maior herança não era a dor. Era a capacidade de transformar dor em caminho.

E prometeu a si mesma que as meninas que viriam depois dela não herdariam apenas resistência. Herdariam também descanso. Herdariam direito ao sonho sem culpa. Herdariam a possibilidade de ser frágeis sem deixar de ser fortes.

Porque a ancestralidade feminina preta não é apenas sobrevivência. É criação. É reinvenção. É beleza que insiste.



Quando sua avó partiu, Lúcia não sentiu ausência. Sentiu continuidade.
Ao fechar os olhos no velório, quase pôde ouvir a voz antiga sussurrando:
“Agora é sua vez.”

Ela sorriu entre lágrimas.

Sabia que não caminhava só.

E assim seguiu — com passos firmes, raízes profundas e o coração
habitado por gerações.

RECADOS DE VÓ

TATIANE MENDES

Ainda não morri. Batize este menino.

Este foi o recado recebido de minha avó.

Ela sempre foi nossa matriz. Tudo que dizia era tentado seguir à risca.

Lembrei-me desse recado enviado pra mim. Ela estava internada há
um mês. Meu menino tinha uns três meses de vida.

Numa família cuja ancestralidade é energética, uma criança pagã não
é legal. Ela pega todos os mais fluídos.

Mas não cogitava batizá-lo sem que ela estivesse no quintal.

Ela precisava estar lá para que a benção fosse completa. Contudo, ela
não estava no quintal.

Quando ela melhorou logo mandou o recado.

Não morri. Batize logo ele.

Assim. Fiz. Recado dela era ordem.

Na verdade, estávamos com medo da ausência dela e ela sabia que
morrer com um bebê pagão não era bom.



HISTÓRIAS DA MINHA VIDA

ELIANE VEIGA

Oralidade | Escrivência
Transcrição com suporte de IA, monitorado por humano
Validado junto a autora em 11/03/2026

Assim o fiz. Batizei ele sem muita festa, mas como um dever.
Uma obrigação.
Algo bem intimista para uma família que faz festa para tudo
Era um dever cumprido.
Batizado. Com pouca pompa, mas seguindo as orientações das
circunstâncias. Ela saiu do hospital. Teve alta para passar mais uns
meses conosco. Logo depois, se foi.
Ela sabia que não poderia partir sem cumprir o papel espiritual.
Não podia partir deixando ele vagando na espiritualidade.
Ela sabia que bisavô perto de uma alma pagã poderia perturbar.
Coisas de vó.
Repensei sobre numa ida ao trabalho.
Preciso voltar a colocar o meu filho no caminho ancestral novamente.

Eu, Eliane de Souza Veiga da Conceição, venho contar aqui a
história da minha vida. Um pedacinho da história da minha vida.

Assim, criança, eu já sofria muito, muito, muito, muito, muito.
Mas eu tinha uma avó maravilhosa, tive duas avós muito maravilhosas.

A mãe do meu pai, que me amava muito, que me botou o
nome de Vidi. Porque ela queria dizer vida, vida da minha vida! Era o
que eu era chamada por ela.

E tive também uma avó tão maravilhosa, que era a mãe da
minha mãe. Minha amiga, companheira, eu era a companheira dela, e
nós duas íamos para todos os lados.

Para onde ela ia, ela me levava.

Só que, assim, com uma história muito triste... Quando eu
fui crescendo, aos cinco anos de idade, eu fui conhecer essa minha
avózinha, né, eu conhecia muito mais a outra.

Essa minha avózinha estava toda queimada em cima da cama.

Ela havia se queimado, tacado fogo no corpo, por causa de
uma filha má que ela tinha. Essa filha dela, muito mau, fazia muitas
maldades com ela. E aí, ela havia perdido uma sombrinha dessa filha
dela.

O nome da minha avózinha era Olívia, e a filha dela má, se
chamava Emília. Então, o pai dela, Alcibiades, que batia muito na
minha avózinha.



Ela foi e falou para a minha avó... “Perdeu a minha sombrinha nova? Eu vou contar para o meu pai. E meu pai vai te bater muito até tu me devolver a sombrinha”. A minha avó era muito bonita... Ela era jovem, não era velha. Mas ela era muito boba. Ela disse... “Ah, minha filha, não faz isso, eu vou conseguir a sombrinha”. Mas não tinha condições naquela época, ela era muito pobre... éramos... né... muito pobres.

E aí ela contou para o pai dela. Mas a minha avó, antes que encontrasse com o Alcebíades... ah, a minha avózinha tacou fogo no próprio corpo...

E a gente morava num outro lugar mais distante, num outro bairro. Em Nilópolis, mas num outro bairro mais distante.

Então passou um senhor. Chamou a minha mãe... “Neuza, Neuza!... olha, Neuza, sua mãe está toda queimada... precisando da tua ajuda. Tá morando lá na rua Doutor Rufino, em Nilópolis... lá perto do centro”. Aí explicou a minha mãe, onde seria. Minha mãe partiu para lá.

Minha mãe foi para lá comigo, com a minha irmã Ana e a minha irmã Neneca... que se chama Carmen.

Minha irmã tinha um mês de nascida. Essa minha irmãzinha, a Neneca. Eu tinha cinco, e a minha irmã Ana, tinha sete. Minha mãe partiu para lá...

E lá nós ficamos morando em um quartinho, ao lado, para ajudar a minha avózinha. Ela parecia que ia morrer...

Daqui a pouco ela ficava bem... e a gente sofrendo ali junto com ela... mas eu era criança e não entendia nada.

E dali em diante nós fomos ficando muito amigas - a minha avózinha e eu - porque eu era pequena, mas eu ajudava ela em tudo que podia. E aí ela foi melhorando... e melhorando... e melhorando... e nós

fomos vivendo ali aquela vida... eu ia com ela para todo quanto é lado...

Ela era muito feitiçeira... ela era feitiçeira... a minha avózinha. Mas é aquele negócio... o ditado que ela sempre dizia... “o santo de casa não faz milagre, filha”. E ela não se vingava daquele homem. Não fazia nada com aquele homem. Ela tinha os santos muito bons. Ajudava muito as pessoas.

Todo mundo dizia que ela era louca, na família dela. Até a minha própria mãe dizia que ela era uma velha maluca. Mas ela não era velha, ela morreu com 57 anos. Mas eu herdei aquilo ali dela. Aquelas coisas todas que ela tinha. Mas eu e ela éramos muito juntas... unha e carne.

Não reparem que eu estou chorando um pouco. Quando eu lembro dela eu choro de tanta saudade...

E aí nós fomos vivendo aquela vida. Nós vivíamos indo no lixão que tinha perto de casa para catar as coisas, o que comíamos, e para poder vender também. Vendia lata, vendia vidro, ferro...ia lá catar nesse lugar. A minha mãe, a minha avó, eu e a minha irmãzinha.

A minha irmã, com oito anos de idade, ela começou a trabalhar. Ela trabalhou a vida toda. Toda! Morreu trabalhando, bem dizer. Ela morreu com 47 anos de um câncer na vista, por causa de tanta química de material de limpeza.

Eu sei que nós vivemos... vivemos... vivemos... ali naquele sofrimento de vida... E nesse meio sofrimento de vida a minha mãe foi tendo mais filhos. E a gente fomos crescendo ali naquele lugar, sem ter nada. Um dia tinha alimentação, outro não tinha.

Eu não tive estudo. Minha mãe não botou na escola. Depois ela botou os outros, mas eu nunca fui a uma escola. Assim, eu digo, eu sou autodidata! Eu sei ler muito bem, sei escrever. Sei entender as coisas, porque eu aprendi nos livros para poder ensinar os meus filhos.



Meus quatro filhos, para poder ensinar a eles. Por que quem é que ia ensinar meus filhos?

Como que eles iam ler? Como eles iam escrever? Como eles iam fazer as coisas? Não tinha ninguém. Eu não tinha marido. Eu tinha quatro filhos. Já com 24 anos, eu tinha quatro filhos. E eu tinha que ensinar.

Eu trabalhei muito, para poder dar estudo para eles, ensinar eles a ler, a escrever, para que hoje uma filha que eu tenho me ensine um monte de coisa, porque tem muitas coisas que eu não sei...

Mas eu digo a vocês assim. Eu digo assim. Eu sou a Eliane, Vidi de Nilópolis.

Fui passista de escola de samba, de brocos. Vivi uma vida forçada assim, mas eu vivi uma vida! Eu tentava me divertir com aqueles quatro filhos que eu tinha.

Em jovem, com 15 anos, eu tive a minha primeira filha. A minha primeira filha eu tive com 15 anos...

O meu segundo filho eu tive com 17, o terceiro eu tive com 22 e a minha quarta filha eu tive com 24 para 25. Então eu vivi a minha vida assim... desregrada. Eu trabalhava muito. E eu trabalhava em vários tipos de emprego. Mas uma coisa eu posso dizer com orgulho, muito trabalhei. Mas nunca fui pessoa errada! Nunca fui pessoa bêbada! Nunca usei droga! Nunca fiz nada errado! Eu só queria farrear. Quando eu tinha um tempinho, eu ia para o samba! Eu ia para o pagode! Mas eu só comecei a beber aos 30 anos de idade.

Eu comecei essa vida de ser mãe em 1976... eu parei de dar à luz em 1985. Em 1985 foi quando a minha última filha nasceu. E eu passei a ser feliz... Em 1998, eu perdi o meu filho. Eu perdi o meu filho com 19 anos que ele tinha. E naquele mesmo ano, eu encontrei a paz, o amor e a felicidade com o meu marido. Aí que me casei. Que

eu nunca tinha sido casada. Eu me casei... e fui feliz durante 23 anos.

Eu conto a minha história assim, de alegria e de tristeza. Felicidades, eu tive muitas felicidades, muitas alegrias. Também tive muitas tristezas.

E vou seguindo aqui eu ainda vivo pensando em um dia voltar a ser feliz novamente, porque eu não sou feliz mais. Hoje eu sou aposentada, pensionista, sofro de problemas cardíacos, tive seis AVC, tive seis infartos, hoje eu estou deficiente dos ossos. Tenho um problema degenerativo nos ossos. Sou cristã. Mas já fui macumbeira. Mas sou cristã com muito orgulho, eu digo. Eu sou cristã hoje, e desejo toda a paz, toda a felicidade. Digo para você que vai ler esse livro, que vai ler essas histórias, que a vida é maravilhosa, você sofrendo, você vivendo, você caindo, você levantando, mas nunca esqueça de erguer a sua cabeça e ter a certeza de que você está fazendo só o bem.

Não faça o mal para ninguém. Faça só o bem. Viva a alegria e a tristeza... o amor e o ódio... andam todos lados a lado... sempre de braço dado.

Eu... Eliane de Souza Veiga da Conceição...

Vidi com orgulho... Digo: sempre estarei aqui, em vida e em morte. Se eu estiver viva eu sei que vão lembrar de mim sempre. E se eu estiver morta vão lembrar também, que um dia eu resisti e passei por aqui, para deixar essas frases ditas para vocês que vão ouvir, ou ler, no livro.

Deus seja com todos! E os orixás, nunca abandonem nenhum de nós! Porque sempre estaremos ali. Os orixás e Deus, eles andam juntos. Porque Oxalá é Deus... Deus é Oxalá. Entendeu? E os outros Orixás que venham nos abençoar e nos guardar sempre, para vocês que são de uma banda e para vocês que são de outra.

Beijos... no coração.





CONTINUAÇÃO DE UM SONHO
ISABELLE FURTADO



respire

MÃE-SOLO TÊ COSTA

Solo fértil de amor
Donde brota o querer seguir
E desbotando a dor
Colore o porvir.

Solo-terra, incubadoro-ser
Solo-geratriz,
gerenciador do viver.

Sustentação.
Desde o pó até
a costela de Adão.

Donde tudo vem
E volta quando precisar.
Alimentador,
Que também precisa se alimentar.

Solanges, Lúcias e Terezas,
Entre soluço e beleza
Escorregam cachos de mãos.
Coradas do sol da batalha
Do céu-justiça, tomara que caia,
A chuva-igualdade nas suas manhãs .

Portal. Azar e sorte.
Do nascituro, o transporte,
Colo.
Mãe-solo.



ELE TEM MÃE

SELEZIA

Criança parda,
Filho de mãe solteira,
Preta.
Essa poesia é de amor.
Olha pra esse menino pardo:
Ele não vai ser vítima do Estado,
Ele não vai ser encarcerado,
Ele não vai bater de frente com um erro
inconsequente do blindado.
A violência constitucional
Não vai invadir minha casa.
Meu filho não vai estar do outro lado de uma arma,
Meu filho não vai ser achado por uma bala.
Menino já nasce em terreno salgado,
Entre a escassez e o tráfico,
Entre ser respeitado no meio dos amigos
Ou mesmo não sendo nada,
Na descida do morro, ser esculachado, confundido,
A marmita revirada,
A casa alugada.
Na proximidade do crime,
Silêncio aqui é regime,
Mas o mundo se cala
Toda vez que uma mãe se põe a chorar.
Se encostar no meu filho,
Jogo água fervendo no seu ouvido,
Vira comida de jacaré.

Hoje vou te ensinar a ter medo de mulher.

No país que ama o pálido,
Faz os nossos engolir no áspero,
A falta do básico.Seu povo branco cheira a sangue.
Os nossos filhos vocês não vão achar.
Nossos filhos, protegidos por orixá,
Vão crescer VIVOS.
Eles não vão chorar,
Eles não vão temer a polícia militar.
Vocês se acham fortes?
É porque nunca viram uma mãe
Protegendo seu filho da morte.

BARCA APAGADA

SELEZIA

Barca apagada, situação forjada.
Os vizinhos não viram nada.
Criança alvejada,
A camisa escolar rasgada.
Uma mãe se põe a chorar,
Segurando nos braços o que carregou na barriga.
Ferimentos graves.
Tiro de fuzil no peito — não pode ser considerada bala perdida.
Viu o suspiro, sentiu na própria carne
A dor daquele tiro.
Ela nomeou aquele menino.
Agora era um número ambíguo nas estatísticas do Estado.
Depois de enterrado, gritava ao mundo que não —
O filho dela, de treze anos, não era bandido.
E, mesmo se pelo crime envolvido,
Deveria ser julgado, ter direito à redenção.



Mas foi executado à luz do dia,
Jogando aquela mãe ao luto e à agonia.
Nos pés do congá eu peço baixinho:
Exu, não me deixe desviar do caminho.
Proteja meu filho.
Que eu fale da dor
Sem precisar me despedir do meu menino.
Meu...
Eu pari.
Eu alimentei.
Eu carreguei.
É meu.
Confusão de uma polícia,
Indiferença de uma política,
Não podem seguir tirando crianças e jovens
De suas famílias — essas, pobres em sua maioria.
O soluçar de dor
Não vem dos cantos,
E sim de todo o Brasil.
Esse que alimenta de um leite ralo seu povo pálido
E dá medalhas de honra ao despreparado armado.
Oitenta tiros em pai de família.
Um tiro na cabeça de uma menina.
Um tiro em uma mulher grávida.
A pele alva não poupa a pele alva em nada.
Emicida tava certo:
O amor e a música podem salvar o mundo.
Nossa música tem tambor e cor
No país onde a cor te faz marginal,
O CEP desigual.
Nascer cansado é um fardo real.
Onde Racionais é a Bíblia,
Abebe é a palavra amiga.

Vida amarga nessa terra salgada.
Se você não for branco como o sal,
Vai ser pintado de violento.
Sua dança vai ser vulgar.
Sua poesia,
Que quase nunca de amor dizia pelo meu igual,
Vai ser percebida.
Amor também está em querer ver os meus de barriga cheia e tênis da hora.
Também está em querer os meus vivos, pra sempre, em vida e história.
O amor está em aceitar o nariz,
Em aceitar o cabelo,
Em não ver mais mães chorando sozinhas —
Seja pela falta de comida
Ou pelo excesso de violência da vida.
O amor que falta nessa poesia
Está na vontade de ver meu povo
Voltar a ser reis e rainhas.



CRIANÇAS QUE ADORMECEM NO FRIO

SELEZIA

Crianças que adormecem no frio
Sentem fome do vivo.
Problema invisível.
Crianças pobres demais pra ser gente,
Crianças escuras demais pra incomodar a gente.
Vias de fato
São vias de parto
Do indesejado que nasceu
Sem pai —
Que nem eu.
Fraturas expostas
De uma sociedade que posta.
Dá like na bolsa, no óculos, na roupa,
Nas portas
Que se fecham pra nós.
O segurança do shopping
Me seguiu à toa.
Eu não vou fazer o que eles esperam de nós.
Sem dinheiro pra passear na orla,
Dando ibope pra branca que chora
No programa da manhã.
Papagaio que fala
Enquanto tudo ignora
Que amanhã vai morrer outra igual a mim —
Assassinada.
E ainda vão criar motivo.
Como pode a crioula ser inocente nisso?
“E se ela traía o marido?”
Safada.
“Merecia apanhar,

Colocou homem dentro de casa.”
Na esperança de ser amada.
Coitada.
Um homem que não sabia ouvir “não”
Deixou ela amarrada.
Puxão de cabelo.
Dois tapas na cara.
Blusa rasgada.
Adormeceu no frio do próprio chão,
Encurralada no canto da sala.
Há uma semana trancada.
Há duas semanas estuprada.
Dois filhos pequenos.
Queria uma família.
Deixou a dela
Por uma violência
Que começou discreta.
Ele mudava quando bebia.
João e Maria
Vão lembrar pouco da mãe
E crescer sabendo
Que são filhos de um feminicida.
Diz pra mim: isso aqui não é política?
Criança na rua.
Criança na reta.
No mercado que vende pó e pedra.
Instagramável
É ver o sólido virar escasso.
Fotinho bonita.
Vlog do dia.
Tão vegano
Que alimenta o tráfico comprando erva.
Os problemas que não passam na TV

Estão aqui
Pra quem quiser ver.
Eu não tenho bandeira.
Tenho lado.
E sei que não é o errado.





FESTA NA FAVELA
THAMMY CARVALHO



respire





DE VOLTA AO TEMPO SOL



ABUSADA

JISA MARQUES

Desde os seis aninhos
eu aprendi a amar,
a admirar,
a sentir,
a gostar,
a prever,
a esconder,
a mentir,
a negar,
a omitir,
a chorar sozinha
e sofrer
e ninguém vê.

Está é a gama de sentimentos
dentro das relações abusivas e
então eu falhei como esposa,

Como mãe,
como irmã,
como discípula,
como amiga,
como filha.
e me fiz encapsulada
que as vezes sai para um choro,
sai para as palavras suadas,
décadas de coisas não plausíveis.
Já se fez mais de anos



e eu com muita facilidade aprendo
a não amar,
a não admirar,
a não sentir,
a não gostar,
não prever,
me mostrar,
não negar o que sinto e dizer sem chorar ou chorando
“tanto faz”
“Não importa”.

Não fui morta
não morri
eis uma mulher aqui.

PELE
JISA MARQUES

Eu era uma farsa
não autêntica
tolhida e encolhida em um casulo
enganei a mim mesma enganei
outros que se aproximavam.

Além da farsa eu fiquei feia,
e quando olhei no espelho
descobri que eu não sabia quem é
o que era o refletido.
Me rebelei

sai do casulo e fui conhecer o mundo.

Dei sorte!

Adoeci,
e o silêncio covarde com medo do trágico
soou em grito de seios dilacerados
amarras que prendiam os pés, as mãos, a boca.
amarras que sufocaram o pescoço
e eclodiu a dor da Fêmea.

Foi trágico
mais trágico que o silêncio
é a solidão do casulo.

E o sangue explodido jorrou
me tirando a máscara da farsa.
As cicatrizes nesta pele preta
são só a metade da minha vida.

Tenho menos da metade
procurando em mim a originalidade.



CRAK (O BARULHO DE ALGO TÁ RACHANDO)
JISA MARQUES

Frágil o corpo treme, ofegante, rejeita o deitar e deita,
geme alto e procura o respirar,
o coração acelera
a vista embaça
e o corpo fecha os olhos
e o intestino remexe
e o corpo solta gases
mas não consegue identificar se defecou ou não se encontra
desfalecido
vulnerável e sozinho
babando
não podendo conter sua própria saliva
assim como os suores expelidos
o corpo sente que vai morrer.

E no resto de vida
o corpo se põe a pensar em suas decepções e com ela veio uma ânsia
de vômito
mas o corpo não tinha forças para levantar
gemeu
se encolheu de forma fetal
e se colocou em um sonho.

Na montanha neblinada e solitária
com uma longa ponte de madeira e cordas como corrimão do outro
lado uma cidade
a qual o corpo desejava estar
e abaixo da ponte um abismo sem fim.
Pensou o corpo

está travessia é segura
pois ao longe ele avistava pessoas do outro lado sinalizando um
venha.

O corpo só sentia medo
e observava na outra margem sinais
que o fez levantar e dizer
eu vou!

De olhos fechados e foi
e nem chegando na metade do trajeto
o corpo abre os olhos
grita
chora
se encolheu
e faz a ponte balançar
e a inércia de ficar num quase nada
com medo de ir
com medo de voltar
o corpo fala pra si.

É um sonho
não é real
não é real.

O corpo se levanta rapidamente
trêmulo por causa do vômito esperado na garganta.

Agora o corpo se encontra
com a cabeça no vaso sanitário,
ajoelhado quase como uma forma de reza e agonia e uma gosma



verde expelia
com um gosto amargo,
não sabendo se era de vida ou de morte.

O corpo solta odores
e fica com desejo de banho
abre o chuveiro
não tem água.

O corpo acostumado com as adversidades e com um desejo de
morrer limpo.

O corpo tá cansado demais
se arrasta
e deita
e grita.

Eu quero me libertar.



RACHADURAS

ISABELLA INGRA

a pessoa pode
embelezar as próprias rachaduras
no lugar de esconder cada fissura
contornar com ouro o lugar que foi fissurado
e na ausência de ouro, um bordado.

sentada, num hotel belíssimo, observando o teto
as marcas de mofo e rachaduras que penetram a beleza
que
lutam para serem visíveis
apesar de toda obra de retoque.

isso explica porque as
cicatrices me caem no charme

isso explica a beleza dos machucados

não se trata de dar romance às marcas
nem todo romance é belo

se trata tanto
de dar contorno.



PENSAMENTO CONFLITUOSO

TATIANE MENDES

Sinto uma angústia que não sei explicar.
Peito pesado
Voz embargada
Corpo trêmulo
As palavras que saem de meu pensamento
Não me esvaziam...
Dão lugar a outras
Continuo sobrecarregada do pensar
Não há alívio
Há angústia
Já não lembro o que pensei antes
Porque tenho urgência de pensar o por vir
O silêncio do quarto não silencia a minha mente
Tão pouco o meu coração
O que escrevo é a morte do meu pensamento
Ressurgindo imperioso em poema
Ou não.

GUINÉ

TATIANE MENDES

A chegada dela fez a Guiné murchar.

Minha amiga-irmã mandou uma mensagem: está em Casa? Posso ir aí?

Já sabia que as últimas semanas dela tinham sido tensas. Um misto de emoções, sobretudo raiva e constatação do horror do ser humano. Ela precisava falar. Logo respondi - pode vir.

Não percebi de imediato que a Guiné havia interagido conosco.

Ela, Guiné, havia chorado com ela. Murchou todinha quando ela, minha amiga-irmã, disse não aguentar mais os ocorridos com o filho.

Escutei com atenção cada palavra posta no fio condutor da memória dela. Infelizmente, sei o quanto ela precisava, mas sei também que voltar às vivências é: REVIVÊ-LAS.

Ela narrou tudo. Toda a linha temporal daquela semana.

Cada agressão contada foi sentida pela minha Guiné. Ela já não era minha, a planta, feminina, sentiu as inquietações e sofrimentos narrados. Embora aguada, cuidada, a Guiné murchou. Por sororidade.

Sendo do Axé, sei da importância ancestral da planta. A planta corta energia negativa. Mal olhado. Traz sorte. A verdade é que a troca de energia naquela conversa foi mútua. Sim. Minha amiga e Guiné trocaram energias.

Quando percebi, falei imediatamente para minha amiga: você está pesada. Rimos. Temos essa troca: rir no meio de um tumulto. A conversa continuou. Mas em um dado momento, percebi que as vidas estavam aguadas novamente. Isto mesmo: ambas tinham voltado ao viço.

Ela e a Guiné voltaram à vida. Ergueram-se, porque a vida precisa disso: constar o mal e proteger-se dele. Elas trocaram vida e proteção.





respire

ANTES DO VOO
ALEXI



LABIRINTO

SOL DE JUBA

Tento escrever pra me expressar,
das vezes que não consigo falar.
Mas as palavras se embrulham,
e meus sentimentos se tornam disléxicos, perdidos na própria
compreensão, imerso em negação,
na qual meu subconsciente cada vez mais se afunda e se perpetua.

e sua autossabotagem,
se tornando consciente,
cada vez mais ciente de suas decepções
que ninguém pôde compreender
e desfazer, como estar perdido em um labirinto.

O LOBO

NEGA DA FOLHA

Habita um animal em mim
enjaulado, faminto, agressivo
Devora-me diariamente, de dentro para fora,
aos poucos, paulatinamente
Como uma espécie de acordo, silencioso e sádico

Em um dia de agonia,
Ao sair, rasgou-me a pele
Ele não tem nome, ele apenas é
Impulso, vontade!

Mostra os dentes de forma oblíqua
de modo a formar um sorriso
Do sorriso a saliva, da mordida o êxtase.

Satisfeito, converteu-se a casca
sinto-lhe o peso.

Existem pontos translúcidos, desgastados
Pequenas janelas dos olhos de caça.
E se... em algum dia desses de lua
me consumisse por inteiro?
Deixaria de existir o ser ou a casca?

Estaria ele liberto?
Assumiria o meu lugar?



Caçaria livre nas noites de lua, correria solto pelos campos? Soltaria
aquele uivo profundo que há muito tempo esteve guardado?

Irreversível, livre, sedento!
Como pude sentir o que ele sentiu?
Sou ele? Ou estamos ligados?
Quem é o animal?
Quem é a casca?

SEDENTA

MÁRCIA ROSA

Tenho sede
Sede de aprender, sede de logo saber.
Tenho sede de subir ao mais alto monte
E de lá olhar o mundo que pode ser meu.
Tenho sede de ganhar forças
Para descobrir, gozar e conquistar
Tudo o que ao meu alcance se põe.
O mundo é tão vasto, tão amplo e possível,
Que me dói pensar que tudo o que há para ver,
Tudo que há para ter, ler e fazer,
Que provoca esta sede que me possui,
Jamais possa ser alcançado...
Ou será este o sentido da vida?
Apenas querer e sonhar?
Tenho sede, sede desta vida.
Mas se me é negado tudo poder,
Por que há em mim este ardor?
Quem o colocou aqui no meu peito?
Ajudem-me, pois me desespero.
Preciso saciar esta sede!
Sede do Tudo, sede da Vida, sede de Mim.



EBÓ EM TRÍPTICO

ANA CAROLINA S. GONÇALVES

Parte 1 - Lembrete pra cabeça nos dias em ibi

Ginga com a tua dor
Uma hora ela vai querer te paralisar, te deixar na cama e com o peito ardendo
Nessa hora, olha fundo nos olhos da dor e diga: vem gingar comigo
Ginga com teu medo
Uma hora ele vai te questionar quem você é
O medo é covarde, ele pega pelas costas
Se ele te abraçar, ginga com ele
Ginga até ele te soltar
Uma hora a insegurança vai te visitar no trabalho, na cama com o seu amor, na sua vida acadêmica
Pegue na mão dela e ginga
Não tem como evitar, fugir ou fingir que eles não existem
Uma hora chega
Só o movimento do corpo e da mente vai fazer com que eles não te habitem
Aprenda a gingar com aquilo que você quer fugir
Aprenda a gingar com os seus sentimentos mais terríveis
A ginga, o balanço, o movimento é a cura
Observa a capoeira angola, iêêê.

Parte 2 - Receita de banho de encanto

Carrapicho, semente de girassol, lírio, camomila, calêndula, canela, rosas vermelhas, alecrim, cravo, mel, 7 gotas de perfume
(tomar do pescoço pra baixo, depois do banho pra tirar o negativo)

Parte 3 - Notas sobre a morte de um corpo que não me cabe

Deixo meu corpo se contorcer no incômodo da morte
Deixo agonizar
Vejo meus pedaços caindo
Fragmentada
Cheiro a terra decomposta
Consegue ver a devastação?
Há pressa, mas a terra precisa engolir minha carne com calma para produzir novos nutrientes
Consegue ver meu corpo virando nutrientes para uma nova eu?
Eu também consigo
Eu sou o nutriente, a água e a semente na terra outrora devastada.
Consegue ver?
Há vida
Da decomposição haverá fertilidade.



ITAN DE OXUM – UMA LEITURA SIMBÓLICO-TERAPÊUTICA PRETA

Oxum é a senhora das águas doces. Nos mitos yorubás, ela governa os rios, a fertilidade, o amor e a prosperidade. Mas, para além da narrativa religiosa, seu itan revela uma estrutura psíquica profunda: o arquétipo do feminino que nutre, seduz, organiza e sustenta a vida através da sensibilidade.

Conta um itan que, quando os orixás desceram à Terra para organizá-la, as decisões foram tomadas apenas pelos masculinos. Oxum foi ignorada. Como resposta, retirou sua energia do mundo. Sem ela, nada florescia: as águas secaram, as mulheres tornaram-se estéreis, a terra não produzia. O mundo entrou em colapso silencioso.

Simbolicamente, esse mito revela um princípio psicológico fundamental: quando o feminino interno é excluído — seja em homens ou mulheres — a vida perde fertilidade emocional. Projetos não prosperam, relações tornam-se áridas, o prazer desaparece. Oxum representa a dimensão da alma que precisa ser incluída nas decisões da consciência.

Quando os orixás reconheceram o erro e chamaram Oxum de volta, a vida retornou. Esse movimento expressa um processo terapêutico: reconhecer a exclusão do próprio sentir, validar a emoção, restaurar a escuta interna. Oxum ensina que não há prosperidade sem vínculo com a sensibilidade.

Outro itan relata que Oxum desejava aprender o oráculo de Orunmilá. O conhecimento lhe foi negado por ser mulher. Com inteligência e estratégia afetiva, ela conquistou o saber. Aqui, o mito aponta para a integração entre emoção e discernimento. Oxum não é apenas sentimento; é inteligência emocional refinada.

Na clínica simbólica, Oxum pode representar a reconstrução da autoestima. Seu espelho não é vaidade superficial. É autorreconhecimento. Olhar-se e afirmar: “Eu existo. Eu tenho valor.” Muitas feridas psíquicas nascem da rejeição, do abandono e da desvalorização. Oxum atua como energia restauradora da dignidade interna.

As águas doces simbolizam o fluxo emocional saudável. Quando reprimidas, tornam-se estagnação; quando livres, promovem limpeza e fertilidade. Trabalhar com o arquétipo de Oxum implica aprender a sentir sem se afogar, amar sem se anular, desejar sem culpa.

Oxum também ensina sobre o poder da suavidade estratégica. Diferente da força bruta, ela transforma pela presença, pela palavra doce, pelo magnetismo. Em termos terapêuticos, isso corresponde à capacidade de estabelecer limites com delicadeza firme — uma potência que não precisa gritar para existir.

No campo das relações, Oxum rege o vínculo afetivo maduro. Não o apego infantil que implora amor, mas a consciência de merecimento. Quando a pessoa desenvolve sua Oxum interna, ela deixa de mendigar afeto e passa a escolher relações que respeitam sua dignidade.

A fertilidade de Oxum também é simbólica: ideias, projetos, criatividade e expansão financeira. Prosperidade, sob sua regência, não é apenas dinheiro; é capacidade de receber.

Psicologicamente, receber é um dos maiores desafios humanos. Oxum ensina abertura, confiança e circulação.

Integrar Oxum é integrar prazer à espiritualidade. Durante séculos, o feminino foi associado à culpa e ao silenciamento. O itan restaura a sacralidade do corpo, da beleza e do desejo consciente. O prazer deixa de ser pecado e torna-se expressão de vitalidade.



No processo de cura do abandono, Oxum atua como mãe interna nutritiva. Ela ensina autocuidado, banho ritual, toque, contemplação. Ensina que a suavidade não é fraqueza, mas inteligência afetiva.

Assim, o itan de Oxum não é apenas mito ancestral. É mapa terapêutico. Ele revela que toda estrutura humana necessita do princípio feminino integrado para prosperar. Sem água, não há vida. Sem afeto, não há expansão.

Que cada pessoa possa acessar suas águas internas, restaurar a autoestima, reconciliar-se com o prazer e permitir-se florescer.

Ora Yê Yê Ô.



LUA NOVA

ISABELLA INGRA

1-

a emoção
é meu risco

2-

me sinto muito bem
quando não me seguro mais
não quero ser a minha atadura

3-

esquecer a colheita
é colher mais rápido

4-

é na saudade que a gente se encontra
vez ou outra

cê me imagina mais feliz?

5-

nada me mudará
dizia eu
me transformando



6-

me cria de novo, Deus.
mas não me faça nascer
para colonizar ninguém.

7-

Rio que me afunda
me beija a boca

8-

tudo que já passou por mim
teve fim
é sempre hora de ir, garota.

9-

quando o que eu precisava não era o que eu queria - eu não sabia - e
não posso te dizer que já sei.



EM PRIMEIRO LUGAR

ISABELLA INGRA

é comigo que sou tua
é no tango que sou ela
a dona da festa
gargalhada
aguardente
perfume estridente
é comigo que sou tua
e só comigo posso ser
moro no interior mas me abro
faço questão de existir
apesar de quase extinta



ARTE FATO

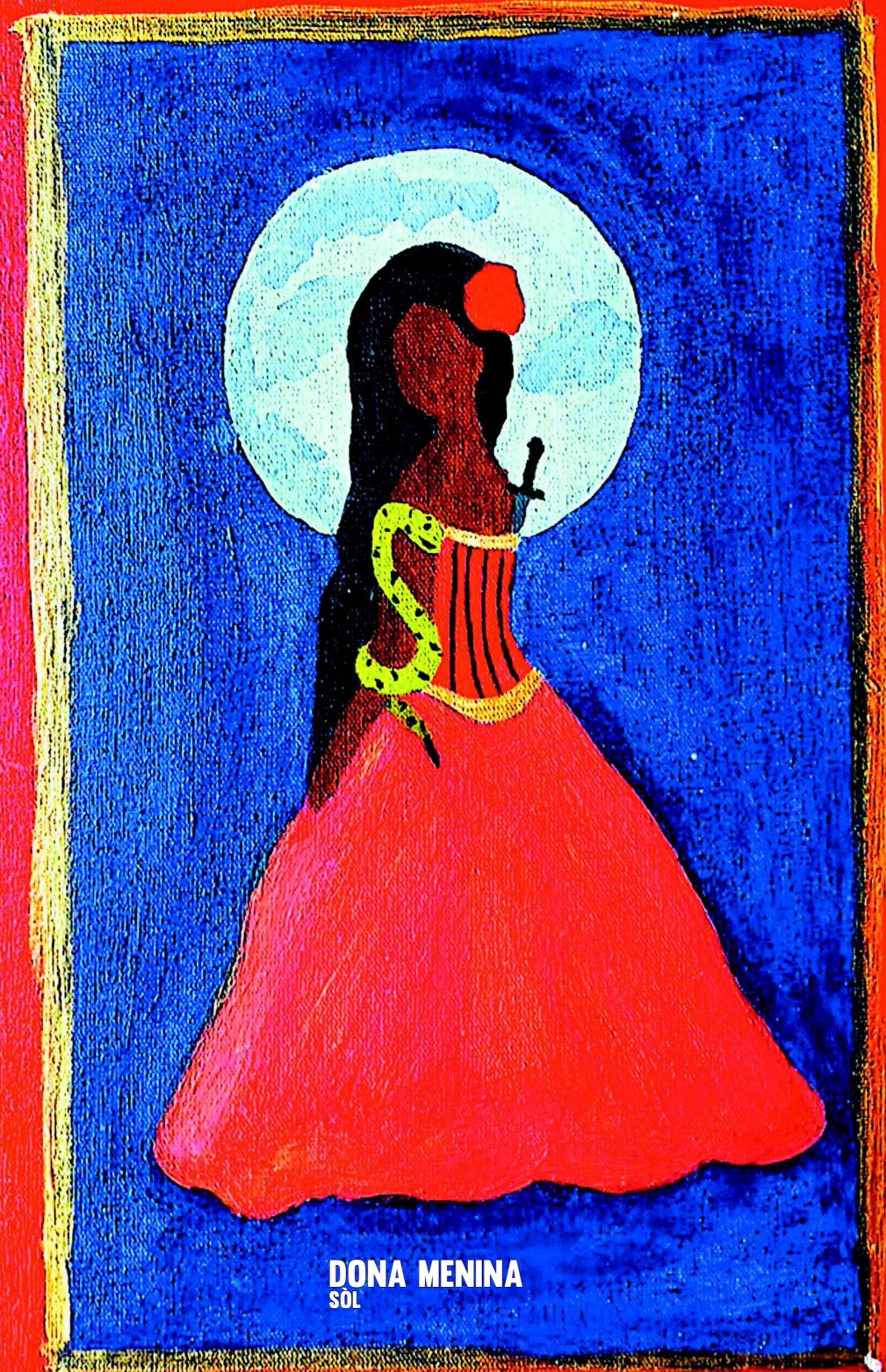
TÊ COSTA

Ninguém me pega!
Ninguém me pega!
Eu moro atrás da poesia
Não é de ouro nem é de pedra.
O meu castelo é de magia.

É meu afeto arquitetado
Material que não se acaba.
No artifício do meu telhado
tem o artefato da palavra.

Na fortaleza do meu abrigo
estou armada até os dedos
sua maldade corre perigo.
Não mexe comigo,
senão eu escrevo!





DONA MENINA
SOL

respire



ECO.
GIOVANNA FLORIM

Generosamente, meu nome desaparecerá de seus pensamentos.
Indomável destino esse que, outrora, não o desmanchava fácil na
língua tua.

Orgulhosamente, caminhará pela vida alguém ao seu lado. Vocês
passarão por uma dúzia de lojas, monumentos, cidades... Andando
despretensiosamente, avistará aquele tom de cor que te contei um
dia, dizendo: “Nossa, me lembra alguma coisa! Não, não sei...
— esqueça.”; Ainda que não lembre meu nome, meu rosto ou meu
gosto — sentirá quem fui para você um dia.



ALVORADA
GUARANI

Abro a janela e uma fresta de sol
Vem me visitar aqui
Mas cadê você com seu sorriso?

Sinto e vejo esse vento soprar
Em frente ao grande mar
Essa é a distância pra eu não queimar?

Brilham as flores nas estações
Qual é o perigo de eu te encontrar?

Brilham as flores nas estações, você
Tem medo de se aproximar
E me queimar, ou se queimar?
Queimar

Vejo alvorada você incendiar
Vejo tua luz o céu iluminar
Sinto o calor e o vento vir me convidar pro seu sorriso

Quanto mais perto minhas asas vão queimar
Mas não sou Ícaro então me faz dançar
Perco o medo e a antiga dor é transformada em alívio

Brilham as águas de um grande mar, iluminadas pela luz solar
Brilham as águas de um grande mar, não me arrependo de me
aproximar.



PELE NEGRA

SOL DE JUBA

aquele amor quente
de quem veio e te trouxe junto
mas de quem foi e te deixou também
não porque quis, porque precisava
então a volta foi muito esperada

os anos se passaram e ela não entendia
como o amor podia ser assim, tão rasgado
e porque precisava tanto desse amor
que retornou e tinha tanto pra dar desde que chegou
mas nunca bastou
e o anseio dessa reciprocidade nunca se mostrou.
da única forma que se conhecia,
talvez sim,
mas não quanto ela desejava
e esperava.

depois de longos anos na linha
esperando sentir aquela amada respiração
no seu real.
o que ela sente até hoje, é real
só não é o real que ela esperava.

esse amor branco
de uma pele negra
para a outra pele negra
que esperava o calor.

ALGUÉM MULHER

GIOVANNA FLORIM

os olhos castanhos eram vitrais para uma alma em dismantelo. os cabelos que reluziam contra a lamparina, me faziam acreditar nos anjos cristalinos das catedrais. a tez era aquecida como se pudesse anular todas as eras glaciais. eu acreditava que parte da minha casa vivia em um metro e “setenta e pouco” — pois toda vez que seu silêncio não me fazia refém de meus próprios nervos, eu poderia deitar no seu colo e ter o tácito prazer de me sentir subitamente alguém mulher.



QUANDO A TERRA ME ENSINA TEU NOME

NEGRO DA MATA

Desejo que plantei debaixo da língua
como semente proibida,
brotou quando teu sorriso fez chover
e agora cresce dentro de mim
feito raiz, quebrando pedra antiga.

Mistério que ninguém contou
será que consegue me contar os teus segredos
e aceitar que eu sou um
copo vazio que não vai matar a sua sede de água?

Tentei fugir,
mas o desejo não pediu permissão pra chegar,
veio como Rio
Rio não sabe parar
segue o chão, curva o corpo
inunda
e o medo que inventei pra me proteger
grita teu nome.

Nhanderu sopra segredos na mata,
eu escuto,
eu sinto,
é teu nome crescendo no meu peito.

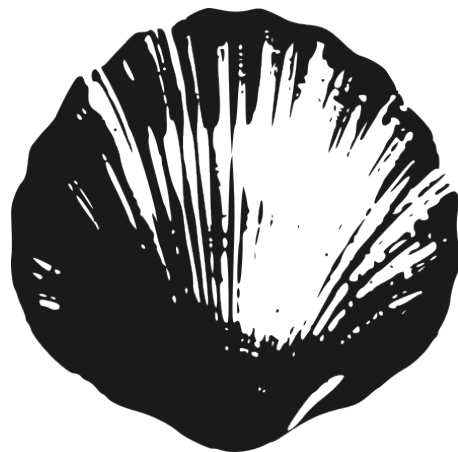
Eu quero te ter no ijexá
devagarinho
como reza que entra no peito e fica,
como fumaça que sobe em direção a Orun
como encantaria nas águas do Rio Osùn.

Me embriago só de pensar
atravessar a ponte pra te encontrar
e poder tocar tua pele de barro,
sentir teu cheiro que o vento me faz lembrar.

Então me diz, onde te encontro?
Na beira do mar ou no silêncio da mata,
onde os encantados sopram os segredos
que aproximam os nossos corpos?

De olhos fechados peço,
com a coragem tremendo nas mãos
e os pés prontos para correr,
que se eu for,
que seja pro teu colo.





ATERRAR

TUDO É INSPIRAÇÃO NO LITORAL

RENATO MENDONÇA (SOBHÁDILE)

Tudo é inspiração no litoral.
Um pôr do sol na Lagoa, o salto da Tainha,
O pirão bem cozido com a fina farinha.
O balanço do barco, o girar do moinho,
O brilho das pedras e das conchas, um Pardal-passarinho.
Tudo é inspiração no litoral
Um mergulho com a tartaruga, uma tarrafa a lançar,
O pique-pegas do Carapeba com o Biguá.
A saída para pesca às 4 horas da manhã,
A costura das redes da arte tecelã.
Tudo é inspiração no litoral
As infinitas lendas, infinitas histórias,
Os quintais e as águas que preservam a memória.
A Mestra marisqueira, o trabalhador braçal,
O camuflar da pele preta com a ardência branca do sal.
Tudo é inspiração no litoral.





IMAGEM DO MAR
JÉSSICA OLIVEIRA

DONA CECÍLIA ROSA

MESTRE DENGÔ

Cabiúnas é um bairro de Macaé, terra de grandes arvoredos fortes que usavam para fazer obras e local que abrigava a estação ferroviária da antiga estrada de Ferro Leopoldina.

Cabiúnas, lugarejo onde morava Dona Cecília Rosa, nascida aproximadamente em 1883, mulher negra de grande personalidade, lutava para sua sobrevivência, provavelmente filha de negro com uma indígena, por conta de seus traços fortes que trazia no semblante, cabelos pretos e lisos, desconfiada, faceira, alegre e tinha um jeito de andar com passos rápidos, gostava de usar roupas estampadas de cores alegres e vivas, gostava de fumar cachimbo nas suas horas vagas, sempre depois dos seus afazeres.

Mãe de filho único que se chamava Amaro Cheiroso, assim que ele gostava de ser chamado, seu pai nunca assumiu a paternidade, talvez um capitão do mato ou negro alforriado, naquele tempo os abusos eram frequentes, faziam com a maioria das mulheres negras.

Era comum sair de Cabiúnas andando a pé por uns 15 quilômetros até chegar ao centro de Macaé, deixando seu filho Amaro em casa, cuidando da plantação e dos animais que criavam, devido a necessidade que passava. Saía para pedir auxílio na rua, mas na vida nem tudo são flores, com muito sacrifício para criar seu filho, batia de porta em porta pedindo algo que pudesse amenizar a sua fome, nem sempre as portas se abriam e, quando abriam, fechavam rápido para não serem incomodados e na maiorias das vezes resistia a falta de compreensão.

Quando ia chegando à tardinha, por volta das 14 horas, ela chegava da caminhada e ia para casa da sua sobrinha que se chamava Noêmia, nascida em 1925 e que, por sua vez, era filha de Manoel Maria



da Cruz, que tinha problema neurológico. Desta forma, a Noêmia foi morar com seu tio que se chamava José Maria - que morava na periferia da cidade - no Bairro Visconde de Araújo, casada com Manoel Vieira, ferroviário, pai de 11 filhos, mais os agregados, não era fácil.

Quando chegava na casa de sua sobrinha, batia palma no portão e com um sorriso largo era recebida:

— Entra titia, pode entrar, a casa é sua. - Dizia Noêmia.

Arriava sobre a mesa a sacolinha de compras que havia ganhado e sentava-se com os pés calejados, cheios de poeira. Conversavam um pouco, falando do dia a dia, da vida e, em seguida, era-lhe oferecido um almoço, enquanto colocavam a lenha para alimentar o fogo do fogão a lenha.

Dona Cecília preparava-se para banhar e refrescar o seu corpo suado e cansado de tanto andar. Com o olhar tristonho, querendo sorrir para disfarçar o tamanho da tristeza, sentava-se à mesa e era servida a sua refeição, comendo devagar e pensando no seu filho que estava em casa, preocupada se ele tinha se alimentado ou não. Assim que terminava de comer, deitava-se um pouco para descansar e tirava um soninho gostoso.

De repente, ela acordava dizendo que era hora de voltar, sabendo que lá não tinha energia elétrica e que a estrada era longa. Dizia ela:

— Quero ir para casa, estou preocupada com meu filho que ficou cuidando da casa.

Despedia-se de todos, abençoando um por um dos seus sobrinhos. Com seu porrete na mão para se defender dos cachorros que encontrava na rua e com seu galho de arruda atrás da orelha para espantar os maus olhados, pegava a sua sacola com os seus mantimentos e mais um pouco que ganhava de sua sobrinha Noêmia e, sempre com

sua fé, falava:

— Fiquem todos com Deus e, com Deus, também eu vou. Assim como ele me trouxe, ele me leva. A estrada só é longa para quem não tem Deus no seu coração. Tenham fé que já, já estarei chegando. Não precisa se preocupar, que eu sei caminhar. O pouco que consegui hoje dá para alimentar eu o meu filho.

Assim despedia e seguia a estrada com seus pés calejados.

Passava alguns dias, lá vinha ela de volta com uma sacola na mão, andando em seus passos rápidos, seus 15 quilômetros. Desta vez, não foi para pedir auxílio, mas para trazer algumas verduras que tinha colhido da sua plantação, para dar um agrado à sua sobrinha Noêmia. Recebia-a com um sorriso e dava-lhe um abraço gostoso, que não podia faltar. A alegria de recebê-la vinha acompanhada de trocas de afetos.

Sua sobrinha Noêmia dizia:

— Titia, não precisava se preocupar, vir de tão longe para me trazer essas verduras.

— Pega, minha sobrinha, deixa de bobagem, eu trouxe de coração – insistia Dona Cecília.

— Sendo assim, fico muito feliz! – agradecia Noêmia, com muito amor por sua tia.



O BANQUETE DA ALMA: OUNJE OKAN

OUNJE OKAN

No estalar do dendê, o segredo se revela,
Não é apenas sustento que ferve na panela.
Ounje Okan é o chamado, o toque do agogô,
Alimentando a alma com o que o tempo preservou.
Entre grãos e temperos, a mão que mexe o barro,
Cura as feridas antigas, desata todo o amarro.
Levamos a culinária, o gosto da resistência,
Sabores que atravessaram o mar, mantendo a essência.
Contamos os Itans, as histórias de quem foi rei,
Narrando a beleza da vida sob a força da lei...

A lei das matas, das águas, do raio e do metal,
Onde cada Orixá desenha o nosso portal.
No brilho do artesanato, o axé se faz presente,
Desmistificando o medo na mente de tanta gente.
Lutamos com o sorriso, com a cor e com a verdade,
Pelo reconhecimento pleno em meio à cidade.
Mostrar que o preto é brilho, é saber, é fundação,
É dar a volta por cima em cada nova geração.
Pois quem alimenta a alma com a raiz do que é seu,
Sabe que o povo preto é o sol que nunca morreu.
A beleza dos Orixás em cada detalhe



**VIAGEM COMÉRCIO, CIDADE DE LOMÉ, PAÍS
TOGO, ÁFRICA OCIDENTAL. DEZEMBRO DE 2025**
THAMMY CARVALHO



PARATY, UM VOO

GIOVANNA FLORIM

quando ouço o coro das crianças
num canto que vem de longe
que me conta o que não vi,
numa linguagem tão sublime
que mal me cabe na boca;

quando o agogô ecoa
em ar de ancestral maestria,
com um som que vira energia
por mãos tão calejadas
que a bondade do tempo não cura;

quando o rio me olha de volta,
quando o desconhecido me assusta
e mesmo assim os problemas me alegam.

[quando Deus existe em mim]



AROEIRA MATRIZ DESSA CIDADE TÊ COSTA

Macaé menina, senta aqui por favor.
Vou te contar “umas paradas”,
Que Parada não te contou.

Sacurus, Goitacazes, Tamoios.
Você nunca desconfiou?
Você já tinha nome,
Quando o Batista chegou.

Macaé menina sobe o morro
Toma a benção com mãe Aroeira
E respeita o galho das rezadeiras.

Nessa terra, pisada de boi e de gente.
Reconheça os teus tesouros!
Antes do ouro ser negro,
O negro sempre foi ouro.

Aconchego da fé e dos devotos,
Onde o Pintadinho alegra teus vivos,
Já foi abrigo único dos lazarentos e dos mortos.

Botafogo jogueiro e “senhor dos teus passos”,
Quando outrora...
Você saiu para jogar futebol,
Estrada a fora...

Morro de Santana, São Jorge, Lazareto!

“Caixa d’água” na cabeça da geratriz

A Vila veio no improviso.

Mas, dessa cidade Aroeira é matriz.





RIO JUNDIÁ

TALITA INAYÊ

Contam uma história que não é sua Rio das Ostras, e só de me
apossar a conhecer-te
da nascente do Jundiá
a sua foz junto ao mar
já sei o que tu me contas,
quantas histórias já viu,
quantas pedras poliu
e viu polir a ti um canal que te limitaram a passar,
Ôh meu rio, quantas histórias pode-me contar,
por quantas vezes me fiz aparentar-me
com sua confluez
para que pudesse te ouvir contar,
mais uma história e eu a nadar,
mais uma história e pescadores suas redes a jogar,
mais uma história e criminosos a te assassinar.



Oh meu Rio Jundiá,
se eu pudesse te salvar,
contava pra todo mundo por onde você quer passar,
contava que você não é valão,
contava que pra viver as suas margens tem que prestar atenção,
tem que cuidar e não deixar que você sinta a solidão,
Já pensou em um primo triste?
Que tristeza pra mim também.
Mas olha meu rio amigo,
Eu que um dia já te fiz abrigo
Tenho a esperança e como disse um outro alguém, a esperança
é uma flor que nasce quando planta.
E por isso eu vim aqui plantar
mais uma vez
a esperança com vocês,
Para que a gente possa assim,
adiar o nosso fim,
E se divertir de montão
cuidando do nosso mundão.

respire





CARDUME DE PEDRA
ALEXI

CABO FRIO É TERRA AFRO-INDÍGENA

PIERRE DE CRISTO

O indígena vivia da terra
Terra-mãe que a eles tudo supria.
O indígena agradecia à mãe Terra.
Pelo cuidado em alimentar o seu povo
O europeu tomou um dia de assalto
A Terra que pertencia ao povo indígena
E a esses povos o europeu escravizou.

Destruíram as matas, mataram indígenas
Tudo pela ganância do poder
As lutas continuaram, mas o europeu conseguiu vencer.
Continuam escravizando o povo indígena
são frequentes, Antônio Salema que o diga.
Poucos ficaram para trabalhar, o europeu o indígena só sabiam matar.
E pouco indígena restou para o trabalho continuar.



Daí os portugueses saquearam a África
surgiu o NEGRO, pois assim o europeu começou a falar
Negro que virou escravizado, que não tinha alma.
Esses negros, forçados, trabalham sem parar.
Morrem de fome ou do castigo violento do seu senhor.
Perderam suas realezas, suas identidades
E aqui viveram, por causa do europeu, uma perpétua escravidão.

Mas negros e indígenas se reconhecem como fortaleza.
Se aquilombam, lutam guerras sem fim pelo seu povo
Mas o português combate com fogo e violência.

Ainda assim, o negro e o indígena lutam, são valentes.
Em Cabo Frio, nascem quilombos nas matas e sertões.
A guerra se multiplica, e os portugueses vem
Vahia Monteiro dizima quilombos, Antônio Salema queima indígenas.

Mas Cabo Frio é terra afro-indígena
Quilombos remanescem, indígenas remanescem
Cabo Frio foi uma invenção do colonizador
Antes vivia o indígena no seu papel de guardião e pacificador da terra
O negro, esse, o construtor de muitas nações.
Cabo Frio não é do colonizador, esse apenas maltratou.
Negros e indígenas, Cabo Frio, essa terra é plena e de vocês.



O PLANETA ESTÁ SOPRENDO
MUDANÇAS CLIMÁTICAS IRREVERSÍVEIS



CIENTISTAS MOSTRAM
DADOS,
PRESIDENTES SE REÚNEM...



MAS NOS EXCLUEM...



O QUE GRANDES LÍDERES
ESTÃO QUERENDO SABER HOJE,

ZUMBI E DANDARA
JÁ SABIAM,
QUILOMBO NÃO É SÓ
HISTÓRIA, É MODO DE
VIDA SUSTENTÁVEL

SANKOFA
NAOMI CAVALCANTI

4

A CONSCIÊNCIA NEGRA
É SOBRE CELEBRAR NOSSA CULTURA,
MÚSICA, ANCESTRALIDADE, E
RESISTÊNCIA



SIM! E
TAMBÉM
LEMBRAR DA
FILOSOFIA
SANKOFA!

VOLTAR AO
PASSADO
PARA
CONSTRUIR
FUTURO

6

A MARÉ QUE ENCONTRA A CONTRACOLONIALIDADE

THIAGO SANTANA SILVA

O sol de Cabo Frio, impiedoso e belo, derramava-se sobre as águas turquesa da Praia do Forte, pintando de ouro a areia fina. Turistas, em sua efêmera passagem, disputavam um pedaço de paraíso, alheios à vida que pulsava nas entranhas da cidade, longe dos cartões-postais. Era a existência discreta, tecida nas redes dos pescadores que, antes do amanhecer, já haviam lançado suas esperanças ao mar. Era a persistência das comunidades que, em seus territórios, mantinham viva a chama de uma ancestralidade que a modernidade insiste em apagar.

Na Ilha do Japonês, onde a água salgada beija a terra com uma doçura quase reverente, encontrei Dona Antônia. Seus olhos, marcados pelo tempo e pelo salitre, carregavam a sabedoria de quem viu muitas marés subirem e descerem. Ela não era uma figura de destaque no cenário que o mundo valoriza, mas era, sem dúvida, uma presença essencial. Sua existência, seu conhecimento sobre as ervas, sobre o tempo da pesca, sobre as histórias dos antigos, era um pilar. Era a materialização de uma resistência silenciosa, mas potente, aos modos de vida que desvalorizam o saber tradicional em nome do progresso desenfreado.

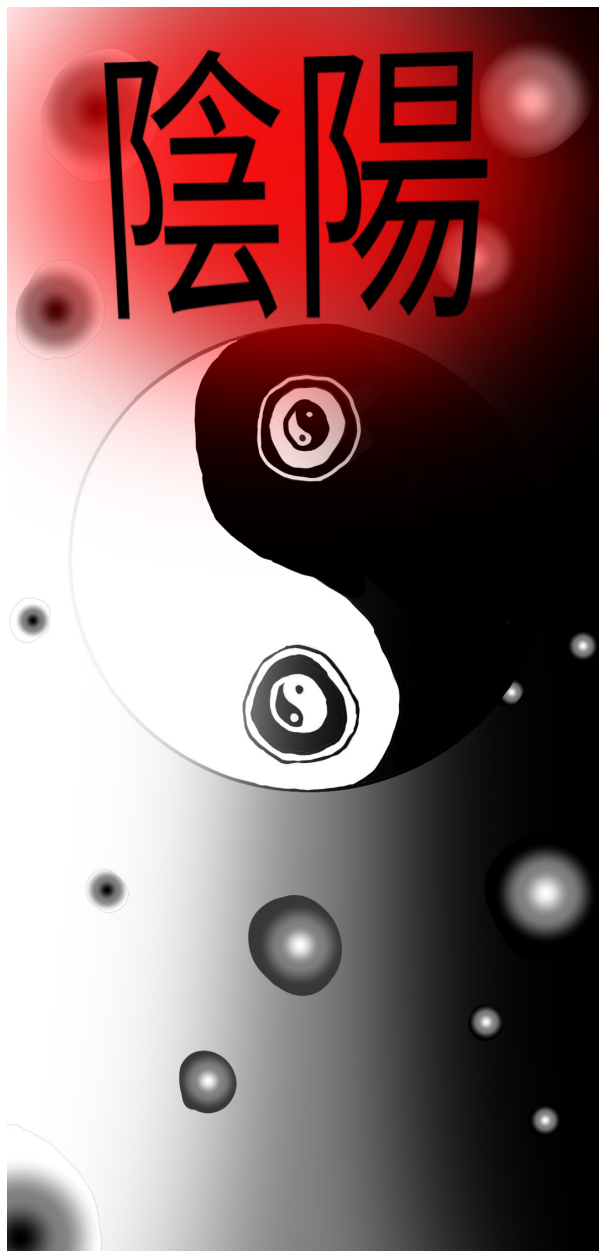
Dona Antônia me contou sobre a terra que oferece e a terra que demanda. “A terra dá o peixe, dá o mangue, dá a areia pra gente caminhar”, disse ela, com a voz rouca de quem fala com a verdade da experiência. “Mas a terra também quer. Quer respeito, quer que a gente não jogue lixo, quer que a gente entenda que ela não é nossa pra vender, é nossa pra cuidar.” Suas palavras ecoavam uma cosmovisão onde a terra não é uma mercadoria a ser explorada, mas um ser vivo com quem se estabelece uma relação de reciprocidade.

A beleza estonteante de Cabo Frio, com suas dunas e salinas, era um presente da terra que oferece. Mas a poluição, o avanço imobiliário desordenado, a especulação, eram a resposta à terra que demanda, que pedia um retorno, um cuidado que nem sempre era dado.

Enquanto o sol se punha, tingindo o céu de tons alaranjados e roxos, percebi a interconexão. A vida que passa despercebida, a vida dos pescadores, das comunidades tradicionais, dos que vivem à margem do brilho turístico, era a própria manifestação de uma forma de estar no mundo que se recusa a ser engolida pela lógica dominante. A Região dos Lagos, com sua dualidade entre o paraíso cobiçado e a resistência invisível, tornava-se um palco perfeito para essa reflexão.

As gaivotas, indiferentes aos dilemas humanos, riscavam o céu em busca de alimento, enquanto o vento nordeste trazia o cheiro de maresia e de histórias antigas. Em cada onda que quebrava na areia, em cada grão de sal que se depositava na pele, havia um lembrete: a terra oferece, mas também demanda. E nessa troca incessante, nessa dança entre o dar e o querer, reside a verdadeira vida, aquela que, mesmo que muitos não percebam, sustenta a beleza e a esperança de um futuro mais equilibrado.





YING YANG - O EQUILÍBRIO ENTRE OPOSTOS
JORGE ÉBANO

respire



RIQUEZA DO BRASIL

MÁRCIA ROSA

Ela cresceu sabendo que era uma princesa. Não de contos de fadas, mas de todos que a conheciam.

Fora uma criança muito bonita, doce e inteligente. Seus pais se orgulhavam, pois sua personalidade se destacava em todos os lugares. Ninguém resistia à menina de pele cor de chocolate e brilhantes olhos verdes.

Agora, aos 14 anos, ouvia as pessoas dizerem que parecia uma modelo das passarelas. Gostava de ser querida, tinha entrada em todos os grupos sociais, distribuía simpatia por onde quer que andasse.

Estudava num dos mais seletos colégios da Zona Sul do Rio e seus professores diziam que teria sucesso em qualquer faculdade que escolhesse. Era muito popular entre os alunos, que a apreciavam por ser muito inteligente, mas também linda e gentil.

Naquele último ano do Ensino Médio, o professor de História programara diversas aulas de campo. Sua turma visitara o Real Gabinete de Leitura, o Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, percorrera o Paço Imperial e se deslumbrara no Museu Imperial em Petrópolis. Então, o professor anunciou o passeio mais distante; visitariam uma antiga fazenda cafeeira no município de Vassouras no Vale do Café.

O professor os preparara. Mostrara em lindas fotografias o prédio do século XIX que visitariam, as entradas das fazendas ladeadas por palmeiras imperiais, trajes usados pelos barões do café e suas famílias, assim como uma pequena biografia do antigo proprietário da fazenda. Voltariam quase 150 anos na história do Brasil e conheceriam a riqueza produzida pelo Ciclo Áureo do Café.

Na manhã do passeio, ela estava muito excitada. Não só visitariam o interior do estado, como no ônibus iria sentada com o garoto mais interessante e bonito do colégio, com seus longos cabelos dourados! Vestiu uma calça jeans que abraçava seus quadris curvilíneos e uma blusa florida de amarelo que destacava lindamente a cor da sua pele. Na tarde anterior, retocara o alisamento das raízes do seu cabelo e passara uma prancha quente para deixá-lo lisinho e brilhante.

A viagem foi o que ela imaginara. Seu acompanhante era tão inteligente quanto ela e conversavam sobre os locais pelos quais passavam. Quando a fazenda apareceu, ambos responderam às perguntas da turma, enchendo o professor de orgulho.

Ela se maravilhou com o caminho para a sede da fazenda e suas palmeiras imperiais. O professor chamou a atenção da turma para as esculturas de leões que mostravam poder em frente à escadaria larga da residência. O prédio era magnífico, pintado de branco, dois andares que se alongavam em duas direções e janelas azuis originais do século XIX. Como ela, uma princesa, não ficaria encantada com aquela beleza?

E, como uma princesa, percorreu cada cômodo da casa. Os móveis no famoso estilo Chippendale, pareciam ter acabado de sair da fábrica. O lustre da sala principal era francês e seus pingentes eram de cristal Baccarat. E os quartos? Móveis elegantes, janelas brilhantes e um luxuoso ar de aconchego. Tudo isso mostrava que o cultivo de café trouxera muita riqueza para o país.

O guia da visita mostrou os quadros da família antiga. Rostos sérios os olhavam do alto, vestidos com magnificência e usando joias de alto valor. Ela se lembrou do seu avô paterno, que se orgulhava das suas origens aristocráticas e da jornada da família pela história da República.



Um quadro destoava dos outros. Era de uma jovem negra com roupas brancas e curtas que deixavam ver os seus pés descalços. Duas crianças com trajes ricos seguravam sua saia e ela trazia nos braços um bebê louro. O guia explicou que era a aia dos filhos do último barão, no final do Brasil Imperial. Ela não gostou da pintura. Aquela mulher não parecia feliz; seus olhos miravam o espectador com uma sombra de tristeza e seus ombros estavam caídos.

Uma colega começou a falar da escravidão no Brasil e ela se afastou. Aquele era um assunto que não a interessava. Os anos da escravização dos negros estavam muito distantes da sua vida

O passeio continuou, mas havia perdido um pouco do seu brilho. O guia explicou que depois da Abolição da Escravatura a fazenda sofrera uma grande queda financeira, mas logo se recuperara com a contratação dos ex escravizados, que não tiveram para onde ir. O homem, que mostrava ser familiarizado com aquele tema, discorreu sobre a difícil ascensão dos negros à uma vida digna no século que se seguiu e até os dias atuais.

Ela observou seus colegas. Todos estavam muito compenetrados no que o guia dizia. Então ele anunciou a parte da visita considerada a mais interessante pelos visitantes: a senzala!

Saíram pelos fundos da residência. Passaram pela enorme cozinha e desceram uma desgastada escada de pedra.

Ela percorreu a distância da casa até a senzala em silêncio. Nem o seu lindo cavaleiro dourado conseguiu tirá-la da introspecção. O rosto da jovem negra no quadro não saía da sua mente.

Quando chegaram na senzala percebeu a grande diferença entre aquela habitação e a casa-grande. O prédio baixo e longo era escuro e suas paredes irregulares. Ali viviam centenas de pessoas escravizadas, amontoadas, fosse no frio ou no calor.

Espalhados pelo lugar estavam estranhos objetos que o guia explicou serem para o castigo dos escravizados. Enquanto ele contava da rotina dos negros na senzala, os colegas expressavam pena daquelas pessoas.

Para ela a senzala era sufocante. Cada canto representava uma prisão da qual ela não admitia ter relação. Aqueles objetos de tortura não se encaixariam na história da sua mãe, uma modelo famosa e nem na sua. Eram ricas, frequentavam um clube exclusivo e possuíam amigos da alta sociedade.

A visita na senzala trouxe uma sombra na sua doce existência.

Quando saíram, os adolescentes se espalharam ao sol. Riam muito, zombando um do outro, ameaçando-se a sofrer torturas. Um colega atleta reclamou que não conseguiria viver comendo angu de milho todos os dias. Um outro respondeu que ele podia comer bastante banana e manga do pé.

Foram ver a cocheira e uma antiga carruagem, e logo se esqueceram da escuridão da senzala. Ela não. Ela lembrava de cada detalhe do que o guia falara. Lembrava-se da humilhação que os negros sofriam, das torturas, da fome. E o homem falara de jovens que eram submetidas à luxúria dos seus senhores? Falara. De jovens como ela.

Enquanto os colegas se revezavam na carruagem, ela olhou ao redor. Há muito, muito tempo, uma garota negra estivera em pé naquele mesmo lugar. Mas aquela garota não vestira roupas descoladas, sua pele não era tratada com cosméticos caros e nem poderia escolher o que fazer e a quem amar.

Observou seus colegas se divertindo. Nunca se dera conta, mas era a única aluna negra em sua turma. Para falar a verdade, conhecia apenas mais dois alunos do colégio que eram negros; um era filho do embaixador de Moçambique.

De repente, alguns momentos de conversa passaram por sua mente. Você estuda aqui mesmo? Seu cabelo é aplique ou alisado? Eu tenho outro amigo negro. É verdade que gente da sua cor demora a envelhecer? Você deveria ser atleta. E ela ria sempre que ouvia.

Quantas outras frases sutis não ouvira durante sua vida? Quantas vezes causara estranheza por estar em alguns espaços e nem sabia o porquê? Pensou na Jussara e no Roberto que limpavam as mesas do refeitório do colégio, onde ela e os seus colegas deixava os restos



dos seus lanches. Lembrou-se do seu Roque, o porteiro, que ouvia impropérios pela manhã dos alunos que chegavam quando o portão já estava fechado. E, claro, recordou o rostinho negro e lustroso do Henrique, o filho da empregada, que tinha a escola paga por seu pai.

Olhou novamente para o casarão. Por uma casualidade temporal podia entrar ali, sentar nos sofás caros e desconfortáveis e se olhar no espelho de cristal veneziano. Por um pouco mais de um século espanaria o sofá e limparia o espelho, já que era bonita e simpática. Por um pouco mais de um século seria um brinquedo sexual do filho do barão do café. E, se não fosse tão bonita, trabalharia de 12 horas na lavoura construindo a riqueza do Brasil.

Por uma questão de oportunidade dada à sua mãe morava num duplex no Leme e não no Morro da Babilônia.

Sempre tinha a diversão que queria, estudava no colégio mais tradicional, comprava roupas não importando o quanto custavam e usava um tênis importado. Tinha tudo que considerava mais importante.

Um peso se abateu sobre ela; um que a unia ao seu Roque e à Jussara. Acariciou seu rosto. Era lindo, era macio, mas a cor dele podia torná-la uma pária em alguns lugares. Respirou fundo. Não. Nunca se conformaria à situação de um escravizado. Seu povo lutou e sofreu por uma igualdade que até hoje buscava.

Por que ela deveria se abater pela estranheza entre os seus pares na sociedade? Por que não se reconhecer no filho da empregada? Olhou novamente para os colegas de turma. Ainda era a Adriana Elizabeth de Aires e Couto. Ainda usava suas roupas de grife. Ainda convivia com os filhos da nata da sociedade. Entretanto agora se sentia investida de uma herança que nunca reconhecera, mas da qual fazia parte.

Agora reconhecia que a sua pele era negra, sua consciência humana e sua força ancestral.

GRILHÕES DA LIBERDADE

PRETTO POETA

E mais um dia amanheceu, a liberdade enfim aconteceu, só quem sabe e sente esse sentimento e o coração de quem viveu o momento.

Os grilhões da liberdade, enfim parece ser uma realidade, tudo o que não foi dito, tudo o que não foi escrito sobre o fatídico dia que deram aos Negros a tal liberdade, sem qualquer verdade, sem proteção, sem cuidado e sem direção.

O cativo continua, mas está disfarçado pela névoa da bondade descrita como oportunidade de emprego.

O Negro segue constrangido, pela terra absorvido, a dor de tudo o que foi vivido, hoje em dia é um pensamento adormecido, mas não esquecido por aqueles que acreditam que o conhecimento é capaz de libertar todos os que querem um mundo livre do preconceito e do racismo.

A senzala hoje é favela, onde se mantém a corruptela, um lugar onde sonhar é crer na força de um grupo, onde o Negro se mantém, em sua maioria.

Hoje o velho vem dizer:

Por mais que possa parecer diferente o que tentam nos mostrar, não se retrata nem de longe, como foi a cruel liberdade!

Com a distorção da realidade, de que se desfizeram os grilhões.

Os grilhões jamais foram desfeitos, só modificou o jeito do Negro carregar a sua cruz, sua dor, seu rancor, pagando o preço alto, e mais uma vez ser enganado, que existe felicidade nos grilhões da liberdade do pobre assalariado.

Por nossa Ancestralidade.



O QUE SOBRA DO INDIVÍDUO NO RACISMO?

ELOÁ RESENDE

São muitas décadas tentando nos convencer de que tá tudo bem...
E temos que seguir de cabeça erguida!
Mas, como esquecer um passado que se faz presente no cotidiano de forma alarmante e cruel?
O racismo não acaba com ações individuais porque é resultante de uma estrutura desigual,
Criada para segregar, inferiorizar, machucar e matar!
O que sobra do indivíduo quando sua existência é negada e reafirmado o seu “não lugar”?
Nosso povo preto constrói pontes e conexões para propagar saberes ancestrais e afrofuturísticos.
Entretanto, tudo isso foi roubado e mascarado para uso do sistema da branquitude!
O que resta é amor e raiva, convivendo de mãos dadas,
E se alternando no mundo interior de cada um de nós.
O desafio agora é reforçar os laços da coletividade, abrindo caminhos para os nossos,
Compartilhar as religiosidades, cuidando e acolhendo,
Incidir em políticas públicas que viabilize nossos direitos,
E principalmente, buscar, em meio ao cansaço, transformar realidades.
Para que nunca se esqueça que a gente vai continuar...
Sorrindo, cantando e dançando enquanto atos de (re)existência!

O RIO QUE SOMOS: ADIAR O FIM DO MUNDO ATRAVÉS DA CONFLUÊNCIA

NEGO DA MATA

“Nós não somos resistência, nós somos reexistência.

Resistir é suportar o peso do outro;

reexistir é criar o nosso próprio modo de viver.”

Nego Bispo.

Caminhar pelo Brasil contemporâneo é, antes de tudo, um exercício de desvio. É preciso desviar das cercas invisíveis que tentam privatizar o horizonte e o pensamento. Dizem que o tempo passou, que a independência veio e a República se instalou, mas quem traz no corpo a memória da terra sabe que a lógica da colonização nunca arrumou as malas. Ela apenas trocou de roupa, aprendendo a gerir quem pode viver e quem deve ser deixado para trás. Vivemos sob uma maquinaria que tenta, a todo custo, “desodorizar” a nossa existência. Querem um mundo anestesiado, sem o cheiro da mata ou o suor do terreiro. É uma política que decide o valor da vida pelo lucro, transformando o Sagrado em recurso e o Ancestral em silêncio. Para muitos de nós, o “fim do mundo” não é uma ameaça distante; é a realidade cotidiana de ver territórios invadidos e cosmologias apagadas.

A Terra, mesmo ferida, ensina que a vida se sustenta pelo encontro, e não pela separação. Como ensina o mestre Nego Bispo, precisamos substituir o “ou” colonial — que divide e hierarquiza — pelo “e” da confluência. Uma coisa ou outra? Não. Uma coisa e outra coisa. Juntos. Confluindo. Nesta cosmovisão, tudo é rio. Nossas identidades pretas, pardas e indígenas são correntes que se tocam, se modificam e seguem fluindo sem perder a própria essência. A confluência não é uma mistura que apaga as diferenças, mas uma convivência dinâmica onde o encontro com o outro amplia o nosso curso. É uma forma de ver o mundo não como território de controle, mas como correnteza de reciprocidades.



Adiar o fim do mundo, portanto, é um gesto de contra-colonização. Onde desobedecemos a ideia de que o saber nasce apenas nos livros ou na ciência e afirmamos que ele pulsa nas roças, nos quintais da Baixada, nas águas e nos corpos que insistem em existir. É ressemantizar a vida: devolver às palavras “terra”, “corpo” e “comunidade” o sentido vibrante que a modernidade tentou esvaziar. Quando ocupamos os espaços de produção de saber, não estamos apenas pedindo licença; estamos reencantando o mundo. Estamos trocando a ética da dominação pela ética do “viver com”.

Se a estrutura do poder ainda tenta nos isolar em fronteiras, nossa resposta é o fluxo. Estamos aqui para lembrar que o saber não se é acumulado porque somos seres de compartilhamento; que o território não se domina, porque com ele coabitamos. E que a vida, em sua essência, é sempre encontro — e nunca separação.

respire





7 10 '22

FAROL
ALLAN KARDEC

ARUANDA ME CHAMA

MESTRE DENGÔ

Aruanda me chama
Pra Aruanda eu vou
Berimbau tá tocando
O galo tá cantando
Pra Aruanda eu vou
Na cozinha de farinha
Muita lenha pra queimar
Depois do trabalho feito
Vamos vadiar
Aruanda
Aruanda me chama
Pra Aruanda eu vou
O terreiro está firmado
Muita história pra contar
A história de um negro valente que lutava pra não apanhar
Aruanda
Aruanda é um lugar
Você não vai acreditar
Está entre a terra, o céu e o mar
É o ar que eu respiro
É a fé em Oxalá
É a bênção de todos os santos e o Axé dos orixás
Aruanda!



UMA NOITE E MEIA

MAURÍCIO RÉGIS

Noite enluarada nessa escuridão
Que a pedra no chão esparsa
Deixou retalhos de pó esvoaçado.
Vícios de bondade quebrados
Frente ao rosto desta lua vã.

E o vaga-lume pela porta fechada
Ludibriava a lâmpada acesa
Ou ela mesma não iluminada.
Disso veio a serenar o uivo quieto,
Ao passo que o silêncio em volta e meia
A reinar sob o pedacinho desse céu escuro.

Batia uma velha saudade,
Retirando todo o fôlego fraco
Desprendido de dentro do âmagô meu,
Era um banzo que remetia ao passado.

“Com o pedaço de pau
E um arame esticado,
Uma cabaça seca
Entoaria a um berimbau”.

Roda discreta de capoeira
Sobre a grama enverdecida
Que o eco da garganta aberta
Soava em ímpeto solto à vida.



CURADORIA

JÉSSICA OLIVEIRA

Perdemos de vista qualquer vestígio de linearidade.
Não havia mais começos, meios, fins e afins.
O amanhã se confundia com ontem;
E hoje, de tão repetido e repisado, pouco tinha de presente.
Foi-se o tempo da gente.
Éramos corpos metricamente distanciados,
condicionados a seguir o compasso,
em notas de fadiga e cansaço
que compunham a partitura da canção.
Poesia nos era a salvação.
Possibilidade de outra música, ponte, melodia, refrão.
Poesia fazia de si curadoria,
remediava com maestria,
penetrava veias, artérias, coração.
Corte profundo sem anestesia,
curadoria sentida, no sentido da contramão.
Era ponte que transpassava, submergia, resgatava,
emergia carregada de porvir.
Travessia de caminho, caminhada,
chegava às margens marginalizadas,
regava a terra, fazia parir.
Era oxigênio, sensível respiração.
Nossas dores expirava,
e nos era inspiração.



CONHEÇA A EQUIPE



ANA CAROLINA DA SILVA GONÇALVES
PRODUÇÃO EXECUTIVA/ ORGANIZADORA DA COLETÂNEA

Filha de Márcia Regina e de Paulo Sérgio, mais velha de 4 irmãos e candomblecista. Fui criada com dengo e pra dar certo. Com olhos atentos e pés ligeiros, fazer circular saberes e me mover com propósito são minhas práticas revolucionárias no mundo. Me formei em Produção Cultural pela UFF (Rio das Ostras), com intercâmbio em Marketing e Publicidade na Creative University de Lisboa. Complementei a formação com MBA em Gestão de Projetos na USP/Esalq e especialização em Ensino das Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras pelo IFRJ.



LIANA ÉBANO
COORDENADORA DE PRODUÇÃO/ ORGANIZADORA DA COLETÂNEA

Mãe da Família Ébano. Guiada pela ancestralidade, Ubuntu é meu modo de vida. Acredito que compartilhar é somar e multiplicar, e que meus mais velhos e os meus mais novos fazem parte da roda que faz o mundo girar e eu sou o meio. Atuante como gestora cultural e consultora em políticas públicas culturais e ambientais. Produtora Cultural pela UFF, com pós-graduação em Políticas Culturais de Base Comunitária pela Flacso/AR e Mestra em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela UFRJ. Sou uma das fundadoras da 'Kuumba Gestão Cultural' e autora do e-book 'Trilha da Produção Cultural Executiva'.

CURADORIA



MALU SOARES

Eu, Marlúcia Soares, mais conhecida pelo meu nome artístico Malu Soares, Produtora Cultural pela Universidade Federal Fluminense (UFF), artesã, estilista, costureira, cidadã aldeense. Amo minhas profissões, sou dedicada a tudo que me proponho a fazer. Frase da minha vida: “EU NÃO SEI, MAS POSSO TENTAR, SE EU NÃO CONSEGUIR TENTO NOVAMENTE, NÃO CONSEGUINDO, PEÇO AJUDA!”



ARMINDHA FREIRE

Mulher. Afro indígena, auto declarada Goitacá. Completando 56 anos de carreira em 2026. Atriz, produtora cultural, contadora de histórias, artesã, instrutora/oficineira- teatro, produção cultural, elaboração de projetos, arte da narrativa e artesanato. Bacharela em Produção Cultural UFF - RO e Interpretação Teatral - UNIRIO. Mestra-Quebradeira - Projeto Universidade das Quebradas.



RAI SOARES

Autora dos livros “A Mulher que pariu um peixe e outros contos fantásticos de Severa Rosa” e “Memórias da Cozinha de vovó: histórias de encantamentos e afetos”. Uma das 10 finalistas do prêmio Jabuti 2022 na categoria contos. É professora da UFF de Rio das Ostras, coordenadora do NEABI/UFF, integra a ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e desenvolve pesquisa e extensão em relações étnico-raciais e questões quilombolas.





JOÃO ELIEL
DESIGNER/SOCIAL MEDIA

É cineasta, designer e produtor cultural formado em projetos sociais como CriaAtivo Film School, Spectaculu, Oi Kabum Lab e Centro Afrocarioca de Cinema. Atualmente estuda Produção Cultural na UFF – Rio das Ostras e atua no campo do audiovisual desde 2014, com trabalhos que transitam entre cinema, arte, território e comunicação. No Conselho Municipal de Cultura de Rio das Ostras, integra a Setorial de Audiovisual com mandato de 2025-2027.



JHONATAN CARDOSO
DIAGRAMADOR/DESIGNER

Mais conhecido como Designer, é designer e rapper autodidata, em fase final de formação em Produção Cultural pela UFF, onde desenvolve pesquisa sobre a descentralização de editais culturais e seus impactos nos territórios. Fundador da Roda Cultural das Primaveras, que acontece desde 2015, atua no fomento à cultura hip hop e à economia criativa em Casimiro de Abreu, Rio das Ostras e Macaé, promovendo eventos, formações e articulações em espaços públicos. Possui experiência em diagramação editorial, criação visual e desenvolvimento de projetos culturais, com atuação na escrita, inscrição e gestão de projetos. Seu trabalho é voltado à valorização de narrativas periféricas e marginalizadas, conectando arte, território e identidade.



STELLA ALMEIDA
REVISORA

Mulher preta cis, artista, escritora, lésbica, periférica e macumbeira. Caminho de vida que segue com arte e educação escrita, desenhada e sentida. Desde pequena o contato com o papel e o lápis sempre me foi uma forma de buscar liberdade. Meus passos são caminhados há muito, sinto a ancestralidade viva em cada movimento-passo dado. Arte educadora, Bióloga pela UFRJ - NUPEM, Coordenadora de Projetos, Consultora acadêmica e Assessora Editorial.



ANDRESSA DANTAS
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Produtora cultural em formação pela UFF e atua há cinco anos como produtora executiva na Associação de Capoeira Raízes de Aruanda. Em 2021, aprovou projetos da associação em editais de premiação da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc. Posteriormente, obteve aprovação em dois editais de prêmio do município de Macaé e, em 2025, conquistou o Prêmio Asas, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa - SECEC, ambos com recursos provenientes da Lei Paulo Gustavo. Foi Coordenadora de Políticas para as Juventudes de Macaé, período em que organizou importantes iniciativas, como o 1º Festival das Juventudes, a 1ª e 2ª Feiras da Juventude Empreendedora, a IV Conferência Municipal de Juventude e o 3º Fórum das Juventudes de Macaé.



CONHEÇA OS AUTORES DA BAIXADA LITORÂNEA



FERNANDA COELHO
NARRADORA

Pedagoga e educadora popular antirracista, dedicada à construção de uma educação crítica e inclusiva nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com um olhar sensível que une saberes acadêmicos e práticas ancestrais, atua também como artesã, trancista e cabeleireira, utilizando a estética e o artesanato como ferramentas de fortalecimento da identidade e da autoestima. Sua trajetória é marcada pelo compromisso com o território e com a valorização da cultura negra em todos os espaços onde atua.



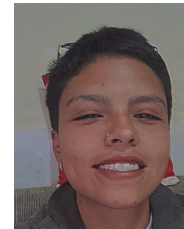
LUIZ KAMAU
NARRADOR/ AUDIODESCRITOR

Luiz Kamau, 29 anos, natural de Casimiro de Abreu, é coreógrafo, dançarino, produtor artístico, audiodescritor, consultor de acessibilidade cultural e especialista em Educação Física Adaptada. Desenvolve projetos que conectam arte, movimento, inclusão e expressão cultural, criando experiências criativas voltadas à dança, à produção cultural e à acessibilidade. Seu trabalho tem como foco ampliar o acesso à cultura por meio de propostas sensíveis, contemporâneas e socialmente engajadas, valorizando a diversidade, a participação e a transformação social através da arte.



ALLAN KARDEC DE OLIVEIRA DOMINGOS

Allan Kardec é nordestino, de Natal e radical de Macaé desde seus oito anos. É fotógrafo e graduando em Administração pela UFRRJ/CEDERJ. Participou do coletivo de fotografia Oh Shit! e do coletivo e Ponto de Cultura Fiação. Atualmente trabalha na área de criação de conteúdo e gestor de mídias sociais para Amanda Domingos Confeitaria.



ALEXI

Alexi é artista não binária de ascendência afro-indígena, desenvolve uma prática guiada pela intuição, experimentação e construção têxtil. Seu trabalho investiga padrões geométricos e grafismos que emergem da natureza como expressões de memória ancestral, corpo e território. Entre imagens, linhas e sons, transita por múltiplas linguagens como forma de sentir, traduzir e dar continuidade ao que atravessa.





ELIANE VEIGA

Eliane Veiga, conhecida como Vidi. No auge dos sessenta e cinco anos, sou mãe de quatro filhos, avó de nove netos e, por enquanto, sete bisnetos. Eu vou agradecendo a Deus por essa família que ele me deu. A vida é para ser vivida! Eu gosto de festas, cozinhar comidas com sustância e ser feliz junto com a minha família



ELOÁ RESENDE

Professora, Poetisa nos intervalos da vida, Assistente Social, Cantora amadora e estudante de Psicologia. Transito pelo universo poético desde a adolescência, escrevendo sobre minhas vivências de mulher preta em movimento e os olhares sobre as possibilidades coletivas.



GIOVANNA FLORIM

Giovanna Florim nasceu em 2007, em Niterói (RJ), e cresceu em Rio das Ostras (RJ). Escreve desde os 13 anos, atravessada por diversas vozes da poesia brasileira, onde encontrou um lugar possível dentro de si. Ariana com lua em Peixes, oscila entre o impulso e o afeto, em versos que preferem se desfazer a caber. Em 2025, foi finalista do “Concurso de Poemas, Oxe!”, na Bienal do Rio. Hoje, segue publicando suas próprias travessias nas redes.



GUARANI

Olá, me chamo Guarani e, para mim, a arte é o que torna a vida um caminho viável de se trilhar. Meu primeiro amor foi com as artes visuais, sempre amei desenhar, não era bom com as palavras mas os desenhos expressavam meus sentimentos, a música veio em seguida, me ensinou a colocar as emoções pra fora através das melodias e versos, ainda mais agora que comecei a compor. Curso produção cultural na UFF de R.O e busco seguir o caminho musical, faço parte do duo Guarajuba, vem acompanhar a gente!



ISABELLA INGRA

Isabella Ingra Roberto (1993), nascida em Brasília e moradora de Rio das Ostras, é poeta, mãe e atriz, publicou seu primeiro livro de poesias em 2024 (Picê), realiza encontros literários com foco em poesia, seu gênero guia na literatura.





ISABELLE FURTADO

Isabelle Furtado, estudante de Produção Cultural pela UFF (RO), Jovem Negociadora do Clima pela Secretária Municipal de Meio Ambiente e Clima (RJ) e Artista Circense e Visual Guaratibana (RJ). Neta da Dona Lili, uma mulher de 96 anos, carrega no olhar os saberes ancestrais que a formam. Entre memória e afeto, estuda as interseções entre cultura e a crise climática, criando narrativas no cinema documental que conectam passado, presente e futuro a partir das vivências de seu território.



JÉSSICA OLIVEIRA

Jéssica Oliveira é assistente social e poeta, nascida e criada sob o compasso das marés. Filha de pescador e de uma amante da poesia, herdou do mar a imensidão e da mãe o gosto pelas palavras. Em sua escrita traduz o cotidiano e a inconstância do fluxo constante da existência.



JISA MARQUES

Adalgisa “Jisa” Marques nasceu em Mauá e descobriu na leitura e na escrita um refúgio ainda na infância. Leitora assídua desde os nove anos, tornou-se sócia de um clube do livro em 1987. Publicou sua primeira poesia em 2013, participou da coletânea Alma em 2018 e foi selecionada para o Prêmio Conceição Evaristo em 2022. Define sua escrita como “escrevidão”: versos e prosas marcados pela dor, pela memória e pelo cotidiano.



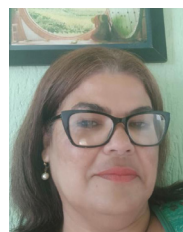
JORGE ÉBANO

Eu gosto de ciências, matemática e animes. Sou curioso e dá pra dizer que sou um nerd.



LUCIANA CAVALCANTI

Sou pintora, ilustradora, bonequeira e arte educadora formada em artes plásticas pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Pós graduada em Estudos Culturais e História da Diápora e Civilização Africana, pratico educação antirracista em sala de aula e nas redes sociais. Professora de artes para viver e artista para continuar viva apesar de. Palestrante quando me chamam. Escrevi e ilustrei um livro chamado “Diáspora” e estou trabalhando na revisão da 2ª edição. Acredito que arte é essencial e pertence a todos.



MÁRCIA ROSA

Apaixonada por leitura, comecei a escrever ainda adolescente apenas para os meus olhos. Já adulta e mãe, participei de uma comunidade literária no antigo Orkut e passei a escrever romances românticos para os membros do grupo. Hoje, me dedico à escrita e escolho escrever sobre personagens principais negros, abordando a negritude e momentos da História do Brasil. Acima de tudo acredito que é o amor, em todas as suas formas, que nos move.





MAURÍCIO RÉGIS

Maurício Régis é natural de Jaguaripe - BA, mas reside em Araruama. Graduado em Letras (UFF/CEDERJ), Pós-graduado em Semiótica e Análises do Discurso (FAMEF) e cursou Produção Textual e Editoração Eletrônica de Revista (IFBA), também recebeu a Comenda Pablo Neruda (Chile de 2025). É poeta e escritor. Já publicou alguns livros de poesias e participa de inúmeras antologias com poemas, cordel e crônicas. Em 2022, teve o livro MARCELLE (Editora Chiado) na Bienal Internacional de São Paulo.



MESTRE DENGÔ

Manoel da Cruz Vieira, o Mestre Dengo, nasceu em 1957 e foi criado no Bairro Visconde de Araújo, no município de Macaé. Na década de 1970 começa a fazer capoeira. Ao longo desses mais de 50 anos, dedicou-se à formação de crianças, jovens e adultos e é um dos responsáveis por resistir com a capoeira e através dela no município de Macaé. Em 1999 fundou a Associação de Capoeira Raízes de Aruanda, um espaço dedicado ao resgate da cultura afro-brasileira.



NAOMI CAVALCANTI

Sou escritora mirim que gosta muito de arte, música, livros, escotismo e sonha em ser ilustradora.



NEGA DA FOLHA

Nascida em Araruama-RJ, psicóloga, artesã e idealizadora da marca “Nega da Folha - biojoias personalizadas”, integrante do coletivo multicultural ARARUAMIX PRODUTORA DE EVENTOS, e membra da comissão executiva do Conselho Municipal de Saúde (2026). Tudo começou nas páginas de um diário qualquer, verbalizei na escrita a angústia, e dela fiz poesia. Sigo sendo arte.



NEGRO DA MATA

Transmasculino negro, cria da Baixada, estudante de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense (UFF), atuante como pesquisador e escritor nos campos de gênero, raça, sexualidade e estudos culturais. Desenvolve pesquisa sobre transmasculinidades negras na universidade pública. Atua como agente de território da Promoção da Igualdade Racial pelo Ministério da Igualdade Racial, em Rio das Ostras.



OUNJE OKAN

Sou artesão fazedor de cultura preta e trabalho há mais de quatro anos na celebração e promoção desta rica herança cultural. Através de múltiplas formas de arte, busco destacar a importância e a relevância das culturas de Matrizes Africanas para a cultura brasileira, criando obras que refletem a profundidade e a diversidade dessa influência. Meu trabalho busca não apenas enriquecer o cenário artístico, mas também educar e inspirar a valorização da ancestralidade e identidade cultural preta.





PIERRE DE CRISTO

Pierre de Cristo é historiador, pós-graduado em História e Cultura Afro-Brasileira e em Antropologia Brasileira. Pesquisa, desde 2015, a escravidão afro-indígena na Região dos Lagos, com foco nas 12 comunidades quilombolas, na Confederação dos Tamoios e na escravidão indígena em Cabo Frio. Autor de “Cabo Frio na Rota da Escravidão”, dirige o documentário “Os Doze Quilombos” e atua como palestrante sobre a escravidão regional.



PRETA

Márcia Regina da Silva Gonçalves é mãe de quatro lindos filhos, terapeuta holística e escritora dedicada ao desenvolvimento emocional, autoestima e reconexão com a ancestralidade feminina. Sua atuação integra espiritualidade, inteligência emocional e práticas terapêuticas, auxiliando mulheres a ressignificarem suas histórias, fortalecerem o amor-próprio e construir relações mais saudáveis.



PRETTO POETA

Rio-Ostrense de Coração, amante da Literatura, Música e Percussão. Escritor, Compositor e Percussionista, um cara cheio de Fé e carregado de Axé, um espírito livre, apaixonado por seus filhos, intenso no seu viver, certo na realização de todos os seus sonhos, assimétrico em seu pensar, um dia ouviu que era impossível, mas já era tarde, ele já tinha feito.

Marcelo Rodrigues (O PRETTO POETA).



RENATO MENDONÇA (SOBHADILE)

É Doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). É professor Associado da UFRJ, jongueiro do grupo Jonga da Serrinha e integrante dos coletivos: Grupo Boidaqui, Coletivo Vadeia Aldeia - onde é o diretor artístico do espetáculo “Vamos Vadiar” (2023-2026) - e Coletivo de Danças Populares da Aldeia.



SELEZIA

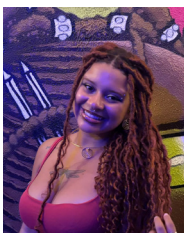
Mãe, escritora e poeta, enxergar o mundo com olhos de poesia sempre foi algo fácil e para mim o caminho mais honesto. Eu escrevo para entender o que sinto, e sinto melhor depois que escrevo.





SÒL

Nascida e criada em Nova Iguaçu. Estudou em escola pública no ensino médio por sua adolescência, se formou no CN IE Rangel Pestana, e hoje atua na área da Educação. Desde criança sempre foi apaixonada pela arte, artesanato, desenhos e tentou ao máximo melhorar suas técnicas e habilidades. Atualmente, reside em Rio das Ostras, e tenta encontrar seu espaço como artista independente. Ainda tendo o sonho de fazer faculdade de Arte Visual, participar de mais projetos e se encontrar no meio da arte.



SOL DE JUBA

Eu sou Sol de Juba, tenho 21 anos, sou integrante do duo musical Guarajuba e estudante de Produção Cultural pela UFF de Rio das Ostras. Me expresso através da escrita e da música, da maneira que eu puder! Estou no começo da minha jornada artística, indo atrás do meu sonho, então espero ansiosamente que vocês ouçam meu nome muitas vezes de agora em diante.



TALITA INAYÊ

Cria do Bairro Âncora. Minha formação acadêmica se constrói dentro do ensino público de Rio das Ostras, estudei na Escola Municipal Padre José Dilson Dórea, a maior e principal escola do bairro Âncora. Concluí o Ensino Médio na formação de professores pelo Colégio Estadual Jacintho Xavier Martins e, desde 2020, sou estudante de Produção e Gestão Cultural na UFF de Rio das Ostras. Sou escritora, mestre de cerimônia, comunicadora social, produtora cultural, poetisa e muito mais.



TÊ COSTA

Cria do Bairro Âncora. Minha formação acadêmica se constrói dentro do ensino público de Rio das Ostras, estudei na Escola Municipal Padre José Dilson Dórea, a maior e principal escola do bairro Âncora. Concluí o Ensino Médio na formação de professores pelo Colégio Estadual Jacintho Xavier Martins e, desde 2020, sou estudante de Produção e Gestão Cultural na UFF de Rio das Ostras. Sou escritora, mestre de cerimônia, comunicadora social, produtora cultural, poetisa e muito mais.





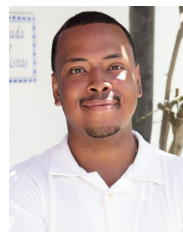
THAMMY CARVALHO

Mulher, Preta, Periférica, Mãe de 3 filhos. Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais, Bacharel em Jornalismo, Fotógrafa formada pelo Senac-RJ. Idealizadora e Presidenta da “ONG Coletivo Cultural Olhar da Perifa.”, reconhecido como Ponto de Memória pelo IBRAM e Ponto Cultura pelo Estado do Rio de Janeiro. Produtora Cultural e executiva de projetos culturais; Fotógrafa no Fórum de Mulheres Negras, para Marcha das Mulheres Negras do Rio de Janeiro nos anos de 2024 e 2025. Produtora Audiovisual e fotógrafa do Mini Doc. ‘Marcha Nacional das Mulheres Negras’ em Brasília (novembro de 2025). Produtora Executiva e roteirista do Doc. ‘Os Doze Quilombos’ e idealizadora da Mostra Ubuntu 2025. Produtora Cultural do evento ‘Hip Hop nas Escolas’, em novembro de 2025. Fotógrafa e Mobilizadora Cultural no Fórum Inter-religioso em Copacabana - 2025. Produtora audiovisual representante do Brasil na 9ª Conferência Pan Africana, em Lomé, Togo - África (Dezembro 2025).



TATIANE MENDES

Tatiana Costa de Souza, macaense do interior do RJ, cresceu entre Aroeira e Botafogo. Escreve poemas desde os nove anos, tendo na poesia abrigo e expressão. Professora da Educação Infantil há 15 anos, é mãe de Malik e Talita. Graduada em História e Letras, com pós em História da África, produz poemas e narrativas que valorizam identidade, ancestralidade e vivências periféricas.



THIAGO SANTANA

Thiago Santana é psicólogo, nascido em Cabo Frio, cidade cujo mar lhe ensinou, antes de qualquer livro, que a paisagem também forma a alma. Encontrou nos romances clássicos brasileiros uma cartografia do humano: personagens que erram, amam e resistem com uma honestidade que nenhum manual reproduz. Acredita que compreender o ser humano exige a generosidade da ficção.



“Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra, tornar-se um ser humano pleno de possibilidades e oportunidades para além da condição de raça, de gênero ou de orientação sexual. Esse é o sentido final de nossas lutas.”

- Sueli Carneiro

Livro Impresso:
Lombada quadrada colada PUR.
Tamanho 150 x 210 mm.
Capa em Triplex 250 g/m², com Laminação Frente BOPP Fosco.
Miolo em Chambril Avena 80 g/m².

